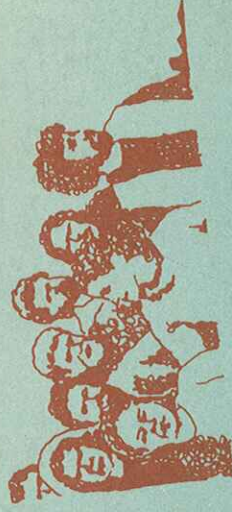


Sante Uberto Barbieri



Agrejas que Desafiam

Santa Ubeto Barbieri

EBER BORGES DA COSTA

Igrejas que Desafiam

1989

Copyright - Imprensa Barbieri

Sante Uberto Barbieri

Capa: Maria Cecileia Leite Garcia
Revisão: Maria Schiller
Editor: Enzo C. G. Ceccon

INDICE

Igrejas que Desafiam

Prefácio	7
A Igreja de Jerusalém	11
A Igreja de Antioquia	27
A Igreja de Éfeso	43
A Igreja de Filipo	59
A Igreja de Laodicea	73

00120 220 Bem-vindo do Campo - 6861
Av. Senador A. Celso, 1301
Cidade Postal 236
Imprensa Metodista

EBER BORGES DA COSTA

Igrejas
que Desafiam

Editor: Enzo C. G. Ceccon
Revisão: Marília Schüller
Capa: Marta Cerqueira Leite Guerra

Imprensa Metodista
Caixa Postal, 536
Av. Senador Vergueiro, 1301
09750 São Bernardo do Campo - SP

PREFÁCIO

IGREJAS QUE DESAFIAM

Crises e Desafios caracterizam o mundo de hoje. Todas as coisas são afetadas pelo impacto destes dois fatores. A Igreja não pode ficar fora do alcance dos impactos e das consequências das crises e dos desafios.

Características da dinâmica da sociedade para podermos entender o momento presente e as crises, compreender os desafios e poder "responder" de maneira correta e de

ÍNDICE

Prefácio	7
A Igreja de Jerusalém	11
A Igreja de Corinto	27
A Igreja de Antioquia da Síria	43
A Igreja de Filipos	59
A Igreja de Éfeso	73

do primeiro século, mas também a história do povo em Israel, nos leva de "momentos de crises e de desafios".

Um dos dons do Espírito mais necessários para os dias de hoje é o do "discernimento". Discernimento associado à "sabedoria" são dons necessários para o cristão e a Igreja de hoje. Compreender a si mesmo, a vida da comunidade do Senhor e o momento presente no mundo, são desafios contínuos para todos nós. A falta desta compreensão ou a forma errada de diagnóstico não nos leva a "respostas" incertas, insignificantes e sem relevância para as pessoas, a própria Igreja e a comunidade humana.

O povo de Deus sempre foi confrontado por situações semelhantes. A História deste povo e da ação de Deus em sua vitória e caminhada é encontrada na Palavra Sagrada. A Bíblia testifica a respeito da forma como o povo divino entendeu o seu tempo, respondeu aos desafios e procurou ser fiel ao Seu Senhor.

Santo Uberto Barbieri, bispo da Igreja Metodista, cidadão universal do metodismo, vem a nós procurando ser co-participante em nossa caminhada, objetivando ajudar-nos na "compreensão" de nós mesmos, de nossas realidades e a aceitar os "desafios" do presente momento.

"Igrejas que Desafiam", editado pela Imprensa Metodista, representa um estudo sério, criterioso e objetivo de algumas das "igrejas" do Novo Testamento. O Bispo Barbieri, no desenvolvimento da sua "piedade cristã" e de "sua sabedoria inspirada", procura ajudar-nos a entender a época em que viveram os primeiros cristãos, suas crises, os problemas encontrados e os desafios que o Senhor colocou diante de si.

A leitura e o estudo deste livro, com certeza nos ajudará a compreender melhor certos acontecimentos e circunstâncias encontradas em nossas igrejas nos dias de hoje. Compreendendo o momento em que vivemos, diagnosticando corretamente nossas crises, aceitando os desafios divinos para o presente momento temos certeza que poderemos nos tornar, nas mãos de Deus, um instrumento de Graça e Poder para as pessoas e toda a comunidade humana.

Neste espírito, com oração e imenso desejo de que os cristãos e a Igreja possam compreender melhor a si mesmos, tornando-se um "instrumento divino" para o mundo de hoje, é que lançamos o presente livro.

Esperamos que o Espírito do Senhor possa nos guiar nesta caminhada. Possam as crises e os desafios serem transformados em "novas oportunidades" de renovação, revitalização e ação no poder do Espírito.

Vamos identificar os "obstáculos" que se mesclaram nas "igrejas primitivas", e, através desta identificação, compreender a nossa realidade, as nossas necessidades e os desafios do Senhor para os dias de hoje.

"O Senhor coloca diante de nós - UMA PORTA ABERTA". Entremos através dela e caminhemos na direção de uma nova visão e uma nova vida sob a presença, atuação e poder do Espírito Santo.

Louvamos ao Senhor pela vida e ministério de Santo Uberto Barbieri. Somo-lhe gratos por mais esta contribuição ao metodismo brasileiro. Que o Senhor continue a abençoá-lo, ao lado de sua esposa Dona Delina e dos demais familiares.

Bispo Nelson Luiz Campos Leite

A IGREJA DE JERUSALÉM

Atos 2.42-47; 4.32-35; 6.1-4; 11.1-4;
12.1-17; 15.1-2, 28-29; 2.11-16

Quando estive nos Estados Unidos da América do Norte, estudando, para conseguir meu segundo grau de Bacharel em Teologia, escolhi especializar-me em História Eclesiástica. Não tinha a princípio pensado em fazê-lo, mas o meu professor dessa matéria era tão eficiente e inspirador em expô-la que resolvi seguir esse rumo.

Atualmente existem aqueles que desprezam o passado — tudo tem que ser novo, revolucionário, chocante. Não se lhes ocorre — queiram ou não — que nós somos o produto dos que vieram antes que nós, e que é mister examinar como eles viveram, pensaram e atuaram. Só assim podemos conservar a bondade de suas ações ou deixar de lado aquilo que já não serve. Isto está de acordo com o sentenciar de Jesus: "Todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas" (Mt 13.52).

Eu aprendi muito do meu mestre e das memórias do passado, e sigo aprendendo todavia, nessa confraternização do presente com o passado. Sempre julguei ser de inspiração estudar a maneira de ser e obrar de algumas das igrejas dos primeiros tempos do Cristianismo — igrejas que, tendo como fundamento a Jesus Cristo, entretanto, em muitos sentidos, foram diferentes, pela ênfase particular dada em cada uma delas.

Para principiar, trataremos de estar em comunhão espiritual com os nossos irmãos na fé da Primeira Igreja Cristã — a de Jerusalém, apesar de que, certamente, existiriam já grupos influenciados pelos ensinamentos de Jesus, desde a Galiléia dos gentios até Jerusalém. Esta, porém, era a que mais de perto tinha vivido o martírio e o triunfo de Jesus. A trajetória de Jesus, de Filho do Homem e Filho de Deus — o Cristo — deu-se aí com a sua Ressurreição e revelação do Espírito Santo no dia de Pentecoste. O Crucificado converteu-se em o Exaltado. A Congregação do Cenáculo era a grande e primeira testemunha de tão grande revelação, a primeira, ela mesma, a receber a virtude desse Espírito.

Era natural que se convertesse na “Igreja Mãe”, porque a sua experiência tinha sido a primeira desse gênero e extraordinariamente surpreendente. Também foi notável que Pedro, o ex-pescador, fosse o primeiro testificador de Jesus, o Cristo, aquele que tempos atrás O tinha negado, e abandonado. Era natural e imprescindível que a igreja de Jerusalém fosse a que desse testemunho da ressurreição de Jesus e o proclamasse, ao dizer: “A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós (o grupo se reunia no Cenáculo) somos testemunhas. Esse *nós* é importante, porque não só ele podia testemunhar, mas pelo menos outras cento e vinte pessoas (Atos 2.32; 1.15). E a sua proclamação foi cheia de poder e esperança, e ungida pelo Espírito Santo.

Encontramos, sem dúvida, muitas qualidades essenciais a uma igreja cristã, na de Jerusalém, a qual vamos agora tentar analisar.

a) A nota predominante, pelo que ela tinha experimentado, é a da proclamação do triunfo de Jesus sobre a morte. E era natural, porque ela se fez igreja de Jesus Cristo, porque renasceu na sua ressurreição.

Não houvesse Jesus vindo a ser o Cristo, por ter sido levantado de entre os mortos, na cruz de Jesus teria morrido a igreja. É a ressurreição que dá valor à cruz, assim como a cruz dá valor à ressurreição. Tem dois aspectos indivisíveis. Nenhum deles pode existir isoladamente. Assim sendo, a proclamação suprema é a de que Quem foi crucificado venceu a morte e vive para sempre. Esta é a pedra angular do Cristianismo, como bem o disse o apóstolo São Paulo: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens” (I Co 15.19). A ressurreição de Jesus é garantia da nossa salvação e supervivência: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé, e ainda permanecemos nos nossos pecados” (I Co 15.17). Por isso mesmo, como no caso da igreja de Jerusalém, na nossa proclamação sempre deve estar, pelo menos implícito este fato.

b) Outra nota incluível na nossa proclamação é o chamado ao arrependimento, à nova vida no Espírito. Quando a multidão atônita e contrita, ante as palavras de S. Pedro, perguntou: “Que faremos, irmãos?” o Apóstolo respondeu que a primeira coisa a fazer era a de arrepender-se, a de mudar de rumo na vida. Esta é a primeira condição para seguir a Jesus. Espiritualmente falando é como nascer de novo, tornar-se uma nova criatura; e esta nova resolução tem que ser publicada por meio do batismo com água e confirmada pelo batismo, ainda mais essencial, do Espírito Santo. Nisto a igreja de Jerusalém seguia o exemplo do mesmo Jesus. Quem na sua primeira proclamação pública na Galiléia, anunciou: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; *arrependei-vos* e crede no Evangelho” (Mc 1.15). O chamado ao arrependimento se baseia naquilo que já estava declarado no Antigo Testamento: “Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia al-

que “os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia” (Atos 13.29). E aqui notamos novamente o mesmo espírito, a convicção de que perto ou longe todos os cristãos têm responsabilidades múltiplas, tanto de ordem espiritual como social.

O evangelho não é só palavra, é ação. Assim vemos a Igreja de Jerusalém estender o seu ministério fora dos átrios Congregacionais. Assim encontramos ao apóstolo Pedro, em companhia de João, curando pela fé em Cristo, ao coxo de nascença, que punham diariamente à porta formosa do templo, para pedir esmola. À semelhança de Jesus, a fé tinha que expressar-se, não somente em crer, em aceitar o dom de Deus, mas em dar-se para os demais, especialmente aos menos afortunados da comunidade. A saúde física faz parte da vida abundante, proclamada por Cristo. Esse homem coxo não vivia plenamente a sua vida e, talvez, vivesse explorado por quem o punha aí a pedir esmola. A caridade de Cristo se manifesta pelos lábios e pelo braço de Pedro. Este estava a exercer o seu ministério de “pescar homens”, de qualquer condição e estado. Os cristãos de Jerusalém estavam a serviço da Comunidade e não a serviço tão somente da irmandade na fé.

Desde o princípio este sentimento fraternal se manifestou no seio da congregação. Quando houve queixas de que os bens, agora comuns, não eram distribuídos equitativamente a todos os membros da comunidade de crentes, se instituiu o grupo dos diáconos, daqueles que deviam vigiar para que ninguém fosse esquecido nessa distribuição de bens materiais, e não houvesse discriminação entre eles, entre os que eram considerados judeus, genuínos e os prosélitos — os aspirantes a sê-lo (Atos 6). Esse espírito fraternal foi, certamente um testemunho bastante forte como para impressionar até aqueles que mais fortemente tinham-

se oposto a Jesus, pois “até muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (v. 7).

d) Temos que sublinhar novamente que o testemunho que se nos dá dessa congregação é que “da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (Atos 4.32). Era um povo unido, no sentimento e no propósito. Havia comunhão de espírito e impulso de servir. Não era cada um para si, mas cada um por todos, e todos para cada um.

Não devemos pensar que todos os irmãos dessa igreja pensariam e se comportariam exatamente da mesma maneira, mas sim tinham respeito uns para com os outros e desejo de servir obedientemente ao Senhor. A unidade é fator preponderante no testemunho. O Senhor Jesus era mais insistentemente rigoroso neste ponto. Na sua oração no Cenáculo, Ele pediu ao Pai que os seus discípulos fossem “aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim” (João 17.23). Esses nossos irmãos estavam “aperfeiçoados na unidade”. É este um aperfeiçoamento que nos faz falta. Não só estamos divididos em denominações, seitas e facções, mas mesmo dentro de cada congregação há divisões e pelejas que não podem dar bom testemunho do Evangelho. O aperfeiçoamento vem do amor, do poder sobre todos os poderes, o que só pode calmar, evitar, suprimir as nossas rivalidades e fazer com que mostremos ao mundo um novo gênero de vida e de intenções. Longe estamos de termos “um só coração e alma”. Mas, para a saúde de nós mesmos e do mundo é urgente que nos entendamos e aprendamos a trabalhar juntos para a salvação da nossa causa, num mundo, por si mesmo, tão dividido por ódios de toda classe e origem.

e) Cabe aqui recordar o fato de que essa congregação tratava de estar continuamente em contato

com Deus. Dela se dá o seguinte testemunho: "Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cantando com a simpatia de todo o povo (Atos 2.4). Continuaram esses discípulos de Cristo a ir ao templo para as suas súplicas, a exemplo dos apóstolos (Atos 3.1). Como era natural, não tinham ainda centros próprios de adoração. Por algum tempo frequentavam templo e sinagoga. Mas para as coisas mais do cunho cristão, se reuniam em suas casas, como se fosse a celebração da Ceia do Senhor, que o era durante ou ao final das refeições que tomavam em comum. Essa celebração recordativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus era ocasião para uma franca expressão de alegria. Havia louvores a Deus; certamente contos de algum Salmo, testemunhos íntimos em sua própria língua, ou de outra origem. Devoção e alegria. Alegria porque esse seu Senhor, morto na infamante cruz, agora se manifestava vivo no seu coração, a transbordar de fé.

Não deveria ser assim também a nossa celebração da vitória de Jesus sobre a dor e a morte, a falar-nos de nossa própria vitória existencial e futura? Esses momentos de adoração não seguiam forma estereotipada. Ao parecer era espontânea, talvez imitando a adoração a que estavam acostumados na sinagoga.

Naturalmente o cultivo da devoção pessoal durante o dia, não substitui a devoção de grupo, no templo ou fora dele, especialmente no domingo. Assistir ao culto divino é um dever inevitável para a saúde espiritual de cada crente. Inspirar-se e alegrar-se em companhia dos "irmãos da mesma fé, é muito saudável, saudável para os indivíduos, a congregação toda, a comunidade na qual se encontra. Teremos notado que a expressão de alegria e gozo dos grupos cristãos em

Jerusalém era de inspiração aos de fora. Desses grupos nas casas, convertidas em pequenos templos, saía ao redor um ambiente tal que, como recorda o escritor de Atos, grangeava "a simpatia de todo o povo".

É pena que uma grande maioria de cristãos não tem o costume sadio de frequentar mais assiduamente o seu culto. A frequência é mais bem esporádica, ou como dizia um amigo meu: dos contatos, no seu batismo, no seu casamento, na sua morte.

O crente necessita estar em companhia dos irmãos no "dia do Senhor", para compartilhar a sua vivência cristã, para renovar com o canto congregacional e as orações o seu espírito, e para estar em comunhão com os irmãos, e assumir com os demais a sua parte de testemunho no mundo. O salmista dizia: "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor" (Salmos 122.1). Alegra-se a nossa gente quando chega a hora de ir ao culto? E se não se alegra por que será?

No culto deverá haver certamente momentos de confissão, de contrição, de arrependimento, de renovação, mas também de elevação radiante do espírito ao trono do Senhor, de maneira a ter a convicção de que Ele esteve presente e teve uma mensagem particular para cada um dos que adoram em espírito e verdade, de tal maneira — como a samaritana — sair ao mundo e dizer: "Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura não é este o Cristo?" (João 4.29). Porque cada cristão tem o privilégio de dizer abertamente qual tem sido a sua vivência com Cristo, pois que "com o coração se crê para justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação" (Rm 10.10), para salvação de quem crê, e salvação para quem não crê mas deve ter a oportunidade de crer.

A prática devocional da igreja de Jerusalém se propagaria, por intermédio de S. Paulo, apóstolo aos gentios, às igrejas fora da Palestina. Na sua carta

aos Efésios, ele recomenda: “enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (5.18-21). Esta última parte da sua recomendação dá a idéia da necessidade de união, edificando-se mutuamente para um testemunho cabal no mundo. Notamos também que o culto a Deus, entre irmãos, deve ser expressão de regozijo, gratidão e esperança.

f) Diz-se também que os integrantes dessa igreja “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (Atos 2.42). Que seria essa *doutrina*, a não ser aquela disciplina que modernamente se chama “Educação cristã”? Esses discípulos de Cristo primitivos, nada ou pouco sabiam de Jesus, o Cristo. Somente os apóstolos que tinham sido alimentados mais intimamente com o Mestre, podiam explicar todo o alcance de ser cristão. Jesus os tinha preparado, conservando-os junto a si para que eles O coadjuvassem durante e depois do seu próprio ministério. De fato encontramos que quando Ele de todos os seus discípulos escolheu Doze, aos quais chamou de apóstolos (i.e. os *enviados*), com o fim de “estarem com Ele e para os enviar a pregar, e a exercer a autoridade de expelir demônios” (Mc 3.14, 15). Os que iam ser enviados tinham necessidade de saber o que tinham que ensinar. E isto o aprenderam *ao estar com Ele*, com quem aprenderiam não só doutrina mas uma maneira de ser como a do mesmo Jesus.

Sem dúvida, o seu ensino tinha que fundamentar-se no Velho Testamento, que eles tinham aprendido primeiro na sinagoga em sua meninice e juventude, à imitação de Jesus. Encontramos isto patente no primeiro discurso de Pedro em pentecoste, quando ele cita o profeta Joel (Atos 2.17-22) e também os Salmos

(Idem 2.25-28). Nisso pois se resumiria o seu ensino: escrituras do Antigo Testamento e memórias da sua associação íntima com o Mestre Jesus.

Os apóstolos foram os mestres naturais do novo povo de Deus, que obedecia ao nome de Jesus, agora o Cristo. À era docência eles empregavam todo o seu tempo. De fato vemos que uma razão pela qual foram escolhidos os diáconos foi para que cuidassem doutros ministérios na Congregação. Os apóstolos explicaram a razão de essa instituição dos diáconos (servidores), dizendo: “Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (Atos 6.2-4).

Muitos anos mais tarde o mesmo apóstolo Pedro, na sua primeira carta aos “forasteiros da Dispersão”, lhes diz: “santificai a Cristo, como Senhor, em vossas corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (I Pedro 3.15). Naturalmente, como se diz aqui, necessitamos estar *preparados* para dar vazão, de nossa esperança em Cristo. A nossa educação em e para Cristo é inevitável. Temos que saber convencermente quem somos como cristãos, não só para responder a quem nos pergunte, mas para que nós mesmos saibamos que qualidade de gente somos. E este é o princípio de toda a vida. Nunca sabemos demais nisto de ser cristão. Nunca chegamos à perfeição. A mente de Cristo é muito profunda. Mesmo um cristão como S. Paulo, escrevia: “Não que tenha recebido, ou tenha obtido a perfeição, mas prossigo para conquistar aquilo para o qual fui conquistado por Cristo Jesus ... prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.12-14). E mesmo

lhes concedeu o mesmo dom (o batismo do Espírito Santo) que a nós nos outorgou, quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" Ademais Pedro tinha levado consigo outros seis irmãos ao lar de Cornélio, o centurião romano (Ver Atos 11.1-18). Mas ainda assim houve grande resistência em aceitar a vocação universalista do Evangelho de Jesus. Ao mesmo Pedro lhe custou, apesar da tremenda revelação que teve quando de sua ida à casa de Cornélio, a convencer-se disso. Anos mais tarde, o apóstolo Paulo teve que "resistir-lhe face a face" em Antioquia porque tornara-se repreensível, pois com efeito, antes que chegaram alguns da parte de Tiago (da igreja de Jerusalém), comia com os gentios; quando, porém, chegaram afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão" (Gálatas 2.11-12).

A igreja de Antioquia da Síria coube-lhe a honra de ser a primeira em enviar missionários fora da Palestina, e que a sua vez não eram nascidos nessa região.

O Espírito Santo pode ser profícuo na sua ação de despertar consciências, mas tem que lidar com agentes que não são infalíveis, mas com seres imperfeitos e sujeitos a paixões. Por isso ninguém pode dizer que ele só é portador da única verdade incontestável, ainda que assevere que é veículo do Espírito Santo. Na sua asseveração pode ser sincero mas não infalível. Todo intérprete da mente de Cristo tem que ser humilde na sua exposição e admitir que a sua mente não pode abranger toda a verdade, seja divina ou humana. A igreja de Jerusalém, sujeita à pressão de sua tradição judaica pensou estar no caminho certo ao querer sujeitar a todos os que queriam ser cristãos à lei cerimonial dos seus antepassados, mas Deus por outros agentes, mais livres de preconceitos tinham que ensinar que "todos quantos são batizados em Cristo, de Cristo se

revestem, e que por isto mesmo não pode haver judeu nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos são um em Cristo Jesus" (Gl 3.27-28). Nós ainda não chegamos nas igrejas à plenitude desta verdade. Falta-nos muito para chegar ao alvo de uma comunidade sem preconceitos; ainda os temos, em maior ou menor grau, e também nos escudamos no Espírito Santo.

Não é de estranhar que a igreja de Jerusalém não tivesse todas as dimensões do evangelho de Cristo. Nós não alcançamos vislumbra-las, ou aceitá-las. Somos mais culpáveis que essa igreja, porque o Espírito Santo tem-nos aberto mais caminhos de compreensão e nós nos temos desviados perigosamente. Todavia andamos em procura da igreja perfeita e não a encontramos, e quando alguma pensa sê-lo, cuidado com ela! Muitas páginas cinzentas se têm escrito na história pela intolerância e seguir dessa "perfeição"! Sempre temos que clamar, como o pai do jovem possesso: "Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé" (Mc 9.14-29). Esse homem cria, mas tinha certeza que não tinha atingido ainda toda a dimensão da fé. Tinha que escudar-se em Cristo para ser vitorioso. Ninguém tem o poder de vislumbra-las toda a dimensão do que é estar em Cristo. Sempre temos que acudir ao Seu Espírito e conservar a humildade de continuar a busca, a corrigir-nos a empreender novas buscas. Nos maravilharemos de constatar que o caminho é longo e que o Senhor é misericordioso. Se não o fosse, pobre de nós!

A IGREJA EM CORINTO

Atos 18.1-11; I Co 1.18-25, 2.1-5, 11.17-21;
12.1, 4-11, 27-31, 13.1-8, 13-14.1, 15.1-58

Quando nos transferimos da igreja cristã de Jerusalém à de Corinto, nos encontramos noutro mundo, diametralmente oposto. Aqui nos confrontamos com a civilização helênica-romana, que, ainda que não apresentasse uma cultura refinada como antes, não estava ainda em franca decadência. Conservava ainda algo do brilho artístico e filosófico da civilização greco-romana. Era um dos centros buscado por quem ia em busca de ilustração, ou de prazeres refinados.

Corinto, reconstruída por Julio César, ficava na convergência de dois portos bastante comerciais. Por eles entrava e saía toda sorte de gente e isso imprimia à cidade caráter especial. Nela se ouviam múltiplos dialetos, ademais do grego comum e de algo de latim. Misturavam-se costumes, grupos religiosos, vícios e corrupções. Como o grego comum era veículo de comunicação mais fácil no Império Romano, o mesmo se tornou instrumento eficaz para a evangelização de parte dos missionários cristãos. A Grécia como a Palestina estavam nessa época sob o juízo de Roma.

Dentre as diversas formas religiosas, encontravam-se grupos religiosos dos chamados "mistérios", e entre eles os que se dedicavam à adoração do deus Apolo. Os iniciados nesses mistérios buscavam entrar em comunhão com os supostos deuses com a esperança de adquirir dessa maneira a imortalidade. Essa

convicção não era da mesma natureza que a vida eterna oferecida em comunhão com Cristo. Se submetiam a certos ritos secretos que lhes dava a ilusão de entrar em contato com alguma entidade espiritual invisível, mas representada com figuras *escultóricas*. Esses deuses, entretanto, não tinham passado histórico como o Deus Jeová dos hebreus nas suas diversas manifestações na história. Eram entidades que estavam na moda por um tempo, e não eram — por dizê-lo assim — naturais do lugar: a maioria era de “importação” e “exportação”, trazidos especialmente pelas legiões romanas e os mercantes que se moviam dum lado para outro, uns para guardar e proteger as fronteiras do Império, outros empenhados no tráfico comercial.

Aqueles que se convertiam, ou aderiam, ao Cristianismo, não lhes era fácil deixar os antigos hábitos ou tradições, ou volúveis crenças. Ao que pareciam impulsivos, violentos, nas suas emoções, ou, os mais ilustrados, orgulhosos com os seus conhecimentos filosóficos ou *status*. Não devia ser tarefa simples lidar com gente tão dissímil, turbulenta. De certo um judeu palestino mal poderia entender essa gente.

Pela divina Providência, entretanto, houve um homem, nascido fora da Palestina, de tradição judia, mas de cidadania romana, que recebeu a incumbência de lidar com esse povo. Só quem tivesse conhecimento cabal de Israel e seu passado histórico, e, ao mesmo tempo tido educação helênica, poderia officiar como ponte entre as duas civilizações e tornar-se intérprete de Jesus, o Cristo. Este Cristo, porém não seria, entretanto, apresentado como entidade judia, mas como o Filho do Soberano de todo o universo. Quem não pode ser representado em figura humana a não ser na revelação que dEle se achava em Jesus, o Cristo. Este não tinha vindo a oferecer um corpo de doutrinas místicas e misteriosas, mas Alguém com simpatia para

com o ser humano, e a compartilhar com ele o Seu amor sacrificial, e para salvá-lo do seu estado pecaminoso e frágil, e compartilhar com ele todo conhecimento possível, ético e espiritual do Deus único, invisível aos olhos, mas sensível ao espírito. E esse oferecimento era gratuito, sem necessidade de sacrifícios cruentos ou de qualquer outra índole, e sem levar em consideração raça, educação, língua, cidadania, posição social. Ele era o Filho do Deus altíssimo mas ao mesmo tempo irmão de todo ser humano que o aceitasse como Senhor e Redentor de sua vida. Tinha-o movido seu amor para dar-se a si mesmo nos braços de uma cruz, mas Deus o tinha exaltado levantando-O de entre os mortos, e estava presente em espírito onde quer que invocado fosse com sinceridade e discernimento. Por isso, quando esse judeu-helênico foi ter com os coríntios, declarou: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria, porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (I Co 2.1-2).

Era verdade que esse Jesus Cristo crucificado se julgara “escândalo para os judeus, loucura para os gentios”, entretanto a verdade era que para os que O tinham aceitado e recebido em seu coração, Ele era “poder de Deus e sabedoria de Deus” (I Co 1.23-24).

A preocupação do evangelista Paulo de Tarso, fora que eles não se extraviassem em cogitações inúteis, nem as tradições pela maioria deles desconhecidas, nem na filosofia daqueles que nos mistérios falavam com palavras altissonantes de uma presente sabedoria. O Deus que ele anunciava não era ficção — tinha-se manifestado em forma humana, uma vez por todas na Palestina, onde, através de morte cruenta, depois duma trajetória dedicada ao resgate do ser humano de sua miséria moral e espiritual, demonstrava o grande amor

de sacrifício que tinha para cada pessoa sem exceção. A sua morte na cruz não fora prova de derrota no seu intento de redenção, mas poder sobre a morte pela sua ressurreição, e pela Sua presença constante com aqueles que o invocassem. E essa ressurreição de Jesus — imagem viva de Deus — era garantia, através da comunhão com o Seu Espírito da vida eterna de cada crente. Esse era o grande “mistério” revelado abertamente a todos, revelado pelo Apóstolo, esse era o grande “escândalo” e a suprema “bênção” de Deus.

Por estar, esse grupo cristão de Corinto, composto de gente de tão diferente extração, a integração em Cristo se interpretava de forma variada, e, com o correr do tempo, pela maneira pessoal de ser anunciado pelos diversos evangelistas. Assim sendo, foram-se formando grupos internos que rivalizavam entre si por ser o mais genuinamente cristão.

Pelo menos quatro facções se formaram no seio dessa congregação: de Paulo, de Apolo, de Cefas, de Cristo.

A de S. Paulo pertenciam seguramente aqueles que permaneciam, de modo geral, fiéis à sua pregação e ensinosa, e os mais ordeiros nas suas expressões. Alguém, devido à ênfase dada pelo Apóstolo de que já não se estava debaixo da lei de Moisés, mas sim debaixo da inspiração divina, manifestada em graça, houvessem interpretado mal as suas instruções, pensando que não era a vida ética o mais importante, o cuidado do corpo, mas sim do espírito. À gente acostumada a todo tipo de excessos desordenados, lhe seria difícil deixar certos hábitos.

Ao grupo de Apolo, o eloquente pregador de Alexandria do Egito, pertenceriam os mais sofisticados, aqueles que ainda sentiam em seu espírito a influência dos “mistérios”, e talvez os mais intelectuais da congregação. Para eles, como se dava nos “mistérios” um

corpo de doutrinas era o mais importante na expressão religiosa. A religião para eles, não seria abnegação, mas luz, iluminação mental, a revelação mística de idéias que só podiam vislumbrar os iniciados. De outro lado, a oratória de Apolo, mas altissonante, condiria mais forte no seu ânimo.

A facção de Cefos (i.e. Pedro) formariam parte os de extração judaica. Para eles, Pedro seria o verdadeiro apóstolo, aquele que compartilhou o ministério de Jesus na Palestina. Ele conhecia intimamente o Senhor e Mestre, enquanto Paulo tinha sido perseguidor das primeiras hostes cristãs. Não podia ser o seu ensino e prática do Cristianismo tão genuínos como os de Pedro.

O bando que se autotitulava como sendo “o de Jesus”, seria aquele que era formado pelos mais exaltados de todos. Eles não dependiam de nenhum agente humano, como Paulo, quem tinha asseverado ele mesmo que não dependia de nenhuma autoridade humana para pregar o que pregava. Senão da revelação direta de Cristo ressuscitado. Eles também tinham recebido revelação através do Espírito Santo, e portanto, acima de Paulo, estava a revelação do Espírito. Julgar-se-iam os mais entendidos em coisas do Espírito, os eleitos especiais, os mais puros, os mais genuínos discípulos de Cristo. Podiam entrar em êxtase, falar língua, provocar milagres.

S. Paulo, quando menciona na sua primeira carta aos Coríntios essas quatro facções rivais, não se propõe tomar partido a favor ou contra nenhuma, nem assevera que ele é quem possui a verdade cristã absoluta. Ao contrário, no princípio da carta, dirigindo-se à igreja na sua totalidade lhes diz: “Sempre dou graças a Deus a vosso respeito, a propósito da Sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo que tem

sido confirmado em vós" (1.4-6). Estas riquezas espirituais, porém, estão agora em perigo, e é preciso salvá-las.

A rivalidade dos diferentes grupos poderá levar primeiro a contendas, e depois à desunião, e finalmente ao desmembramento da congregação. Deviam de lembrar-se de que existia um só fundamento para a obra de cada um, pois "ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo" (I Co 3.11). Em verdade, o perigo de dissolução esteve latente durante o ministério do Apóstolo. Foi a igreja que mais preocupação e dor causou ao apóstolo, e teve que ser brusco nas suas exortações, e isso lhe causou tristeza de espírito até às lágrimas. Na sua segunda carta, ele confessa: "no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecesseis o amor que vos consagro em grande medida" (2.4). Finalmente ele conseguiu a vitória sobre o ânimo dos seus paroquianos, que se arrependeram das suas contendas e diferenças de comportamento, e deixa constância em outra carta que "agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento, ou fostes contristados segundo Deus..." (7.9).

Isso nos faz pensar em duas cousas: primeiro, que uma congregação não sempre se comporta em linha *retilínea*, mas tem os seus altos e baixos, conforme a sua composição e as influências que os seus membros fizeram ou têm desde fora do seu círculo cristão. Em segundo lugar, que o pastor tem que ser muito santo e ser movido pelo amor de Cristo e a Cristo, e pôr-se por cima de todo bando ou facção.

Diferenças em concepções teológicas e comportamento humano dentro de uma congregação e grupos sempre houve no cristianismo. A igreja de Corinto é

exemplo disso. Mas pode-se diferir em interpretações acerca do que cremos e ao mesmo tempo compartilhar a comunhão entre irmãos que confessam a mesma lealdade a Cristo. Tomando, por exemplo a cada um dos evangelhos separadamente, sem levar em conta os outros, temos uma visão unilateral do Senhor. Precisamos dos quatro e mais as epístolas para ter uma idéia mais cabal da sua pessoa e ação, e, ainda assim, não chegaremos a compreendê-lo na sua totalidade. Sempre se nos escapa da sua magnificência e realidade. Doutro lado não se nos pede que tenhamos fé em nossa concepção mas na sua Pessoa; o que importa é estar "em Cristo", no seu âmbito espiritual e esperar o que o Espírito Santo nos sugere.

Infelizmente a história da Igreja Cristã dá testemunho de reiteradas divisões, que muitas vezes têm princípio no seio duma só congregação, e que depois da divisão se multiplicam em agrupações maiores, como as seitas e as denominações. Nestes últimos tempos por fatores políticos, ou por ênfase doutrinária temos visto congregações desmembradas ou debilitadas e o surgimento de outros grupos, com o convencimento de que incorporam a verdadeira fé cristã.

Perguntamos: que está falhando em tudo isto? S. Paulo perguntaria: "Acaso está Cristo dividido?" (I Co 1.13). Em verdade, vezes há, quando nós O dividimos e pensamos que a nossa parte em particular é todo o Cristo, e é o todo do cristianismo. S. Paulo exorta aos irmãos de Corinto a constatar que dentro da congregação pode e deve haver diferentes dons espirituais e práticos. Dá-lhes como exemplo o corpo humano; os seus membros têm função distinta mas todos juntos, e, funcionando em harmonia. São um todo. Um membro não tem inveja do outro, e a harmonia consiste em que cada um exerça a sua função. No corpo há uma mente que dirige os diferentes membros; na

Igreja a mente reitora é o Espírito Santo — o Conselheiro invisível de cada membro e do corpo todo.

Cada membro, insinua o Apóstolo, recebe do Espírito Santo o seu ou os seus dons. Tem, portanto a mesma procedência e a mesma honra. Destarte ninguém deve exaltar-se ou humilhar-se. A obra é de Deus e a participação nela é de todos, qualquer que seja o dom ou dons de cada qual. Ter rivalidade, exaltar-se ou humilhar-se é impropriedade. A exortação de Paulo é pertinente hoje, como o foi no seu tempo, aos Coríntios, ou aos Romanos. A estes repete em sua carta, com menos palavras o que já dissera a aqueles: 'Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo, além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função: assim também nós, conquanto muitos somos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada; se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta, faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia com alegria' (Rm 12.3-8).

A estas considerações, cabem as perguntas que o apóstolo fez ao coríntios, depois de sua exposição sobre os diversos dons: "Porventura são todos apóstolos? ou todos profetas? são todos mestres? ou operadores de milagres? Têm todos dons de curar? falam todos em outras línguas? interpretam-nas todas?" De certo que não, mas todos e cada um teria que "procurar com zelo os melhores dons" — isto é a melhor maneira de ser fiel à sua particular vocação (I Co

12.29-31). O nosso problema não será em verdade, "em pensar cada um de si mesmo além do que convém" e sem "moderação"?

Ao considerar estas perguntas, se nos ocorre pensar no grande crescimento dessa congregação de Corinto; na sua consagração à evangelização e da gente com dons tão abundantes e variados. Nisso consistiria o elogio que o Apóstolo acentua no princípio de sua carta primeira, dizendo-lhes que haviam sido "enriquecidos nele em toda palavra e conhecimento", sem faltarlhes nenhum dom'.

Tinham muitos dons, mas em alguns a um perdendo a laxidão ética à que tinham estado acostumados antes de formar parte dessa congregação cristã. De certo pensavam que o importante era confessar a Cristo como Senhor, com os lábios, mas não com a vida. O apóstolo, como pastor que é deles, tem que advertir-lhes que não se enganassem, quanto à vida moral, pois "nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós, mas Vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (I Co 6.9-11).

Por essa mostra do que alguns haviam sido, nos damos conta de que meio corrompido haviam saído. Havia, porém, que não ser demasiado tolerante com os que se excediam ainda na sua vida libertina. Houve pelo menos um caso escandaloso que não se devia tolerar. Tinham que ser severos em tais casos para que não servisse de mau exemplo. A exortação do Apóstolo foi recebida com seriedade e mágoa, mas o mal foi sanado. Arrependeu-se o que tinha pecado tão abusivamente e Paulo então recomenda que o mesmo seja conservado no meio da congregação com estas pa-

lavras: "deveis perdoar-lhe e confortá-lo pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor" (II Co 2.7-8).

Este incidente em particular, nos deve fazer refletir, e devemos perguntar-nos: "Para que, ou como deve ser uma igreja?" Deve ser primeiramente uma fraternidade, cujos membros devem cuidar uns dos outros com respeito e carinho. Para mim a igreja é como um hospital de males espirituais, um sanatório, onde todos somos imperfeitos em busca de perfeição, onde ninguém — diria Jesus — pode lançar a primeira pedra porque se julga completamente perfeito. Em verdade, quem se sente melhor no seu estado espiritual e moral tem que sentir simpatia por quem não o seja. O mesmo pastor tem que ter espírito humilde e não ser juiz mas confessor e ajudador. Como disse o dr. Miles de Ceilão: "Um ministro é um mendigo que pode dizer a outro mendigo onde pode encontrar pão", esse é o Pão do Céu que é Cristo.

É muito difícil ser caridoso, quando nos sentimos muito seguro de nós mesmos, mas temos que aprender a "levar as cargas uns dos outros" para "cumprir com a lei de Cristo" (Gl 6.2). É muito mais fácil para alguns, eliminar do rol da igreja que conduzir com paciência e compreensão no caminho que Cristo indica. Talvez seja mais difícil, induzir um irmão des-carrilado ao bom caminho, que levar a um incrédulo a Cristo, nisso a nossa responsabilidade aumenta quando o descarrilado é um irmão. A nossa responsabilidade regeneradora nunca cessa. O amor de Cristo, que ora pelos seus inimigos na cruz, tem que ser o nosso amor também neste ou noutros casos. A advertência do Apóstolo é saudável, quando aconselha: "Irmãos, se alguém foi surpreendido nalguma falta, vós que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gl 6.1).

Em sua primeira carta aos Coríntios, depois que o Apóstolo fala sobre os dons do Espírito na vida congregacional e de como exercê-los, recomenda: "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (14.40). Parece que às vezes, o culto era confuso e tumultuoso. Este devia ser, ao contrário, recatado e feito com certa ordem. Provavelmente haveria daqueles que no seu entusiasmo romperiam a harmonia do culto, ou que se excederiam no seu testemunho, chamando a atenção sobre si como quem estivesse recebendo revelação extraordinária. Se assim fosse não se devia interromper a outro que estivesse por sua vez orando ou testificando. Quem pretendesse falar língua não conhecida, devia fazer-se interpretar para que todos pudessem entender o que se queria expressar. "Tudo tem que ser feito para edificação" (14.26).

E aqui esta pergunta: "Que classe de culto devemos manter?" Diz São Paulo: para edificação. Culto que deixa de edificar, inspirar, desafiar, consolar, motivar. Repetir sempre a mesma ordem, sem variações, sem participação, sem espontaneidade, sem gozo, cansa e aborrece. Ainda que é o ministro quem dirige, ou outra pessoa encarregada, deve haver participação ativa da congregação. Deve buscar-se o justo equilíbrio entre púlpito e bancos, entre diletos e dirigidos, e certa variedade entre culto e culto, ainda que, certamente, existem elementos essenciais em cada um deles. Para mim um fator importantíssimo é a leitura da Palavra. Esta, que encerra o testemunho de Deus ao Seu povo, deve ser feita com solenidade, clareza, observando cuidadosamente a pontuação, o sentido justo de cada palavra ou sentença, de tal maneira que fique gravada na mente como a coisa mais importante do culto. E ainda que não haja nenhuma outra coisa que chame a atenção de participante, a voz de Deus deveria ficar ecoando no espírito do ouvinte, como o grande desafio

de cada hora e de cada dia. Creio que aqui é onde a prática deixa muito que desejar, geralmente; em parte porque se julga que a simples leitura da Palavra "faz bem". Faz bem, sim, quando a entendemos e nos leva a meditar seriamente sobre ela.

É verdade que cada parte do culto deve ser importante e viva. Não devemos cantar por cantar, e orar por orar, ou dar testemunho por falar. Tudo deve ser feito com entendimento e discernimento, e disciplina. João Wesley, durante o canto dos hinos, às vezes, o interrompia para perguntar: "Sabeis o que estais cantando?" Sabemos porque vamos ao culto?

Ao terminar a sua peroração sobre os dons espirituais, o Apóstolo lhes promete mostrar-lhes "um caminho sobremodo excelente" (12.31 b). Ao andar por este caminho, encontrariam também o caminho da unidade e da perfeição. Passa, pois, a descrever-lhes a "paisagem" desse caminho que não é outro senão cenas simbólicas da própria vida de Cristo, sintetizado no amor, num amor que "tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (13.7). Não podemos ver nesta parte do cenário, senão a Jesus crucificado; a cena central do amor que se oferece para salvar a todos os seres humanos, sem condição, sem exigências, gratuito, redentor. O Senhor, ao despedir-se dos Doze Apóstolos no Aposento Alto, mostrara Ele mesmo qual era este Caminho: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros: assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (João 13.34-35). S. Paulo ilustra com palavras imortais a natureza desse amor, que deve estar na mesma base da vida cristã. Ser discípulo de Cristo exige em primeiro e último termo que amemos como Ele nos amou. Esse "novo mandamento" é sempre novo, porque não tem substituto; é o *ingrediente* espiritual que

dá *sabor* à vida. É o *sal* e a *luz* do mundo, emanando de corações verdadeiramente cristãos.

Os Coríntios, com as suas disputas, com o mau costume de alguns de ir aos tribunais profanos para dirimir as suas diferenças (I Co 6.1-11), com as suas rivalidades ou mau comportamento ético, davam evidência de não ter esse amor tão necessário para a sua vida congregacional e extra congregacional. Sem esse amor trariam desgraça para eles mesmos e a comunidade circundante.

Cabe perguntar se nós no seio de nossas igrejas damos evidência desse amor. Não estarão elas, como a de Corinto, em falta; e, em certos casos, em plena falência? Se os cristãos não dão fé do que é o verdadeiro amor, como se converterá o mundo a esse amor? E como faz falta no meio de tanto ódio e loucura de ação! A rivalidade e a desunião entre os que se denominam cristãos não serão em parte culpáveis de tanto transformo em e entre as nações? Temos consciência da responsabilidade que Cristo pôs sobre os nossos ombros? Não disse Ele que quem quiser segui-lo, teria que carregar como Ele a cruz, a cruz dum amor redentor?

Ao cantar louvores à cruz de Cristo, pensamos que já cumprimos com o seu amor? Teremos que revisar a nossa conduta, e não esperar que os de fora venham a enroscar-nos nossa falta de fidelidade aos nossos decantados princípios. Ou se repetirá aquilo que Jesus dissera aos seus contrarrevolucionários: "Afirmo-vos que nem mesmo em Israel achei fé como esta"? (Lc 7.9).

Alargas as tuas tendas, oh Israel, e mostra ao mundo a qualidade do amor de Cristo, sem o que não haverá salvação!

Uma das coisas ademais, que, com relação a essa igreja, preocupava sobremaneira aos apóstolo Paulo, era o rumorejar da parte de alguns, de que em reali-

dade os mortos não ressuscitavam — contrariamente ao ensino dele neste sentido. Destarte nem Jesus Cristo podia haver-se levantado dentre os mortos. Na sua Primeira Carta aos Coríntios, portanto ele trata dessa questão (Cap. 15).

Afirma que não havia dúvida verdadeira para que não cressem. Em verdade a sua pregação sempre fora enfática em que Cristo não tinha sido só realidade histórica mas era realidade presente. Existiam testemunhas, muitas ainda presentes, que podiam dar fé do fato da permanência espiritual do Cristo. Ele mesmo tinha experimentado uma manifestação pessoal extraordinária do Cristo vivo, ainda tendo sido um perseguidor da Sua igreja. Ele não era daqueles que criam em Cristo porque o tivesse conhecido em sua roupagem humana, mas devido a essa revelação especial no Espírito, a sua fé era pós-ressurreição.

Para São Paulo a fé cristã se apóia na certeza da ressurreição de Jesus, o Cristo, ou se aniquila na sua negação. “Se Cristo não ressuscitou é vã a vossa fé — lhes diz — e ainda permanecéis nos vossos pecados” (15.12). Em verdade, toda a sua pregação gira ao redor do Cristo crucificado, mas ressurreto. Na sua cristologia cruz e ressurreição são um todo indissolúvel. Aquela perde o seu valor intrínseco, sem esta.

De onde teria nascido a dúvida? Do ceticismo originado por certos setores pagãos, especialmente daqueles que cogitavam que uma ressurreição do corpo físico seria inconveniente para muitos que em vida houvessem tido fortes inconveniências físicas: por exemplo, os cegos, os surdos-mudos, os aleijados etc. Convinha passar a eternidade nesse estado deplorável? Já teriam sofrido bastante na terra antes de morrer, e seria sem dúvida um castigo, antes que bênção e prêmio, voltar a arrastar essa vida atribulada pelo tempo afora.

São Paulo então lhes explica que haveria na *post mortem* uma completa transformação: “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual” (15.44). Toma o exemplo da própria ressurreição de Jesus, cuja manifestação depois da sua vitória sobre a morte, é muito diferente a anterior, na carne. O Cristo ressurreto não está agora mais atado a lugar e tempo. Ali onde se O invoca está presente, e se tem consciência íntima da Sua presença e baseia-se essa comunhão através duma fé genuína. Essa confiança na permanência eterna de Jesus Cristo, e da nossa própria, na Igreja e fora dela, ainda perante a certeza cruel da morte da pessoa física o faz exclamar: “Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (15.57). Confirma as mesmas palavras do Mestre, quando prometeu aos Doze: “Porque eu vivo, vós também vivereis” (João 14.19). Nesta fé nasceu a Igreja e nesta fé permanecerá a Igreja.

É necessário, portanto, que numa época de tanto ceticismo e agnosticismo, como é a nossa, busquemos ao Cristo vivo, que dá sentido e autoridade ao Jesus da história. A vida humana é realmente vida e tem valor permanente, se a olhamos com perspectiva de eternidade e se cremos realmente que Ele foi adiante de nós a preparar-nos lugar nas moradas eternas de nosso Deus Pai.

Seria necessário celebrar esse fato da ressurreição de Jesus, e portanto a nossa n'Ele, cada domingo, que é o dia que observamos, porque os primeiros cristãos o separaram para celebrar o fato de que o Jesus que viveu e morreu na Palestina se transformou no Cristo de todos os caminhos e de todos os tempos.

E é bom que com São Paulo também nos jubilemos, exclamando em coro: “Onde está, ó morte a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão (15.56).

A IGREJA ANTIOQUIA DA SÍRIA

Atos 11.19-31; 13.1-4; 15.1-35

Entre as várias igrejas recordadas no Novo Testamento, não há dúvida que a que sobressai de maneira extraordinária é a de Antioquia da Síria. Tem evidentemente elementos comuns às outras congregações já estudadas, mas possui certas peculiaridades que a convertem em modelo de modelos, pois é igreja quase ideal.

Antioquia da Síria era cidade importante dentro do Império Romano. No Juízo do historiador judeu Josefo, era a terceira cidade em importância, depois de Roma e Alexandria de Egipto, com uma população de uns 300.000 habitantes, formada por gregos, sírios, judeus e romanos. Era a capital, na época neotestamentária, da província romana da Síria. Nela prosperou uma população judéia influente e numerosa. Herodes, o Grande, embelezou a cidade com teatros, banhos e ruas adornadas com colunas. Mas o clima moral era bastante parecido ao de Corinto, especialmente devido ao culto licencioso que se praticava no templo de Apolo, que fora edificado nos bosques de *Dofue*. Perto dessa cidade fluía o rio Orontes e se achava o porto de Felencia, através do qual se comunicava com Surcia e o Ocidente.

De como se formou nela uma congregação cristã de talha normativa, no-lo narra o livro dos Atos dos

Apóstolos de uma maneira maravilhosa. Nos ensina primeiramente que para julgar uma situação histórica temos que fazê-lo também desde uma perspectiva histórica. Nos lembraremos que a perseguição feita em Jerusalém contra a nascente igreja cristã foi grande calamidade, mas foi ao mesmo tempo uma prova de que a congregação estava já integrada na fé e resistente ao embate. Teve os seus mártires, mas fez-se forte no sofrimento. E Deus converteu a maldade dos homens em bênção, e rompeu o círculo fechado dessa comunidade, para que se cumprisse o mandato de Jesus Cristo “de ir até aos confins da terra”. A tentativa do eclesiasticismo judeu de conter o movimento cristão converteu-se em o começo da sua expansão gloriosa fora do campo de ação de Jesus e ao mesmo tempo foi a revelação surpreendente de que todo discípulo seu é um evangelista qualificado para divulgar as bondades do Evangelho.

De fato os que abandonaram Jerusalém para voltar às suas terras de origem não levaram consigo só a imagem do terror e da fúria da perseguição, mas carregaram no seu íntimo a convicção que o Evangelho — as boas novas — de Cristo era a salvação presente e futura de todo ser humano, independentemente da sua origem ou estada.

Coube a honra de romper o círculo judaizante a cidadãos de Chipre e Cirenaica. Como soa triunfante, como uma clarinada, a descrição que Lucas, o historiador, faz dessa ocasião: “Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene, e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos (os não judeus), anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus” (11.20). É uma declaração de toada maior, querendo abafar a de toada menor anterior: “Então os que foram dispersos, por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão, se espalharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não anun-

ciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus” (11.19). Naquela outra declaração pode-se quase ouvir a explosão de júbilo de Lucas, o gentio, pois ele também fora fruto dessa liberação do Evangelho. São as barreiras raciais que se abatem e o Evangelho abre espaço para todos os caminhos da terra. Os mensageiros são autocomissionados e auto-responsáveis. A igreja em Jerusalém não os tinha enviado para essa tarefa de divulgação.

A narração de Lucas entre linhas declara que o Evangelho não é propriedade de um cristão, mas um privilégio oferecido a toda criatura humana, e a declaração não declarada, mas implícita de que cada cristão — por ser cristão, um redimido em Cristo e por Cristo — é naturalmente uma testemunha ativa da vida, morte e ressurreição de Jesus.

Temos que acentuar que esses discípulos que irrompem em Antioquia são de Chipre e de Cirene — e que, portanto entre eles há Africanos — e talvez, entre estes Simão, aquele que carregou a cruz de Jesus, quando Este ia a caminho do Calvário; agora iria carregando a Sua palavra redentora. Devemos recordar que o Norte da África, foi por alguns séculos um baluarte da fé cristã e Antioquia célebre centro de teologia cristã. Ao princípio não foi a teologia que formou discípulos de Cristo, é a chama viva da fé cristã no coração, o “eu sei em quem tenho crido”.

1) No princípio... foi a Palavra, a paixão por Cristo brotando em explosão de júbilo, testemunho espontâneo, fresco no verdor da fé. E a palavra não era justamente pregação desde um púlpito, mas testemunho pessoal, frente a frente, o contar aquilo que Jesus Cristo tinha obrado na sua vida, e a esperança de eternidade. Esses irmãos tinham visto Estêvão, o primeiro mártir, morrer orando como o seu Senhor, pedindo perdão pelos seus algozes, e entregando-se jubiloso nas mãos

de Deus. Tinham visto outros ser presos — homens e mulheres — e estes suportar o vexame e a tortura, “alegrando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (Atos 6.41). Um poder tinha-se manifestado nesse Nome, como em nenhum outro que eles tivessem conhecido. Se converteram na estirpe dos Apóstolos Pedro e João quem, ante as ameaças dos chefes religiosos que queriam que eles não fallassem nesse Nome, declararam “não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4.20). Apesar do exemplo da maioria dos que voltavam para as suas terras e que só testificavam aos judeus, os de Chipre e Cirene não puderam senão proclamar a todo o mundo aquilo que “tinham visto e ouvido”. E o resultado foi surpreendente, pois Lucas diz: “A mão do Senhor estava com eles, e *muitos*, crendo, se converteram ao Senhor” (Atos 11.21). “A mão do Senhor” sempre está com aqueles que se dedicam com fervor e fé à Sua Causa.

Hoje como ontem a Palavra tem que cursar livre, no templo e fora dele, desde o púlpito ou desde os lábios de todo discípulo de Cristo. Existem outras Vozes que de maneiras diversas clamam, chamando ao povo para ser fiel a outros nomes. Continuam a aparecer novos salvadores e profetas, velhos e novos deuses querendo tomar o lugar do Cristo, ou proclamadores da inutilidade de crer e esperar. Faz-se mais urgente a proclamação do Evangelho encarnado em Jesus Cristo. Quando os tempos são mais difíceis é quando o testemunho faz mais falta. Por que teríamos que chamar-nos ao silêncio? A ordem do Mestre é: “Ide... fazei discípulos de todas as nações... estou convosco todos os dias até à consumação do século”. Quando vamos, não vamos sós; Ele está conosco.

Se temos perdido o encontro da proclamação, temos que recuperá-lo, porque a mensagem é de “boas

novas”. E de boas novas precisa cada geração. E essas boas novas não as pode dar ninguém mais senão os discípulos de Cristo, juntos — reunidos em igreja — ou isoladamente nas suas atividades de cada dia no mundo.

Ninguém se converte sem ouvir, porque “com a boca se confessa a respeito da salvação” (Rm 10.10). Nem uma igreja muda, nem um cristão silencioso pode esperar que alguém se converta. A palavra tem que ser proclamada, e com voz firme, com convicção inabalável, a não ser que neguemos a nossa vocação.

Não devemos esquecer nunca que a proclamação mais expressiva e convincente não é a que mais ressoa, mas a que é dita na intimidade, de coração a coração, a palavra de André ao seu irmão Simão, ou de Filipe ao seu amigo Natanael (João 1.35-51).

2) A igreja de Jerusalém, onde ainda estavam concentrados os líderes do nascente Cristianismo, chegou a saber o que tinha acontecido em Antioquia, mandou um ex-levita, Barnabé, “homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” (Atos 11.24) a constatar o que acontecia nessa cidade. Não foi nenhum dos apóstolos. Barnabé alegrou-se com o que viu entre os novos irmãos gentios e ficou entusiasmado, e ficou com eles exortando “a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor”, com o resultado que muito mais gente se unira ao crescente grupo congregacional.

Barnabé não foi a Jerusalém para dar o seu relatório aos apóstolos. Ficou em Antioquia. Homem de sensibilidade profunda e de dom de gentes, veio a sentir-se bem naquele meio. E, ao invés de voltar a Jerusalém, foi para Tarso, a procura de um célebre rabino, Saulo, convertido ao Senhor, anos atrás e que parecia ter desaparecido de circulação. Como ele tinha sido um dos perseguidores da igreja em Jerusalém e outros lugares, se o temia, ou se desconfiava de sua sinceridade.

Já antes Barnabé tinha-o apadrinhado. Foi quando de Damasco, Saulo foi a Jerusalém, depois da sua espetacular conversão. Ali, diante da desconfiança dos irmãos “Barnabé tomou-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como ele virou o Senhor no caminho (de Jerusalém a Damasco) e que este lhe falava, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus” (Atos 9.27). Mas Paulo não pôde ficar em Jerusalém, dando o seu testemunho. Os seus amigos companheiros helenistas tramaram contra a sua vida e então ele, levado pelos irmãos cristãos até Cesaréia (junto ao mar), voltou a Tarso, à terra do seu nascimento. E, ao que parece, dele não se ouviu falar mais, até que Barnabé foi procurá-lo. Certamente este tinha intuído que para uma congregação de não-judeus, ele, Saulo, era a pessoa indicada para ajudá-lo a consolidar esse grupo numeroso. Saulo, apesar de judeu, não tinha raízes natais na Palestina e tinha maior conhecimento da gente não judia. Provavelmente ele tinha estudado em Tarso na universidade que havia ali, e podia portanto mais facilmente instruir a novel igreja. Doutra lado cabe lembrar que também Barnabé não tinha nascido na Palestina, mas em Chipre, donde ele tinha propriedade, que vendeu para juntar o seu pecúlio para ajudar a igreja de Jerusalém no período em que todas as coisas da comunidade cristã ali eram comuns a todos (Atos 4.36-39).

Não sabemos quanto tempo Barnabé levou para encontrar a Saulo, então conhecido com o seu nome de pila-Saulo. Talvez Barnabé tivesse mantido relações epistolares com o seu protegido. O fato é que o encontrou e não deve ter sido difícil convencê-lo a que fosse com ele a Antioquia, ante tão prometedoras perspectivas, como as que Barnabé lhe teria descrito.

Saulo certamente tinha maiores conhecimentos e experiências que Barnabé, e este, consciente disso, pô-lo ao seu lado como líder e companheiro. E com esse

reforço tão oportuno, a obra de evangelização tomou outro rumo. Lucas recorda: “Por todo um ano se reuniram naquela igreja, e ensinaram numerosa multidão. Entrou a igreja na sua fase doutrinal. Saulo era exímio conhecedor das Escrituras do Velho Testamento e era conveniente dar a conhecer o que havia havido antes de Jesus o Cristo — o lidar de Deus com o Seu povo, e o porque de que Deus — o único Deus — Se revelara nesse Carpinteiro de Nazaré, crucificado e ressuscitado. Jesus não tinha aparecido assim de improviso, a sua história estava entrelaçada com a do povo de Israel e o povo de Israel com o Deus supremo do universo que o tinha escolhido dentre todos os povos para ser Seu mensageiro e revelador da Sua paz e da Sua Vontade.

E de certo se segue o ensino do que será a orientação cristã da vida dentro e fora da comunidade religiosa. E a conduta desta comunidade foi tal que já em nada se parecia ao proceder do resto da população. E por isso “em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos” — os seguidores de Cristo, os que tinham as “marcas” de Cristo na sua conduta. E aqui tem, pois, princípio essa famosa escola doutrinária e teológica, cuja influência chegaria até aos notáveis João Crisóstomo e São Agostinho.

Por assim dizer: a Palavra se fez carne, o testemunho oral, tomou corpo, e corpo visível, atuante. A proclamação que só se resume em hesitação e exaltação é como fogo de palha: brilha por um pouco e se extingue. É como a semente da parábola de Jesus, a que caiu em solo rochoso: “esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, sendo antes de pouca duração: em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se scandaliza” (Mt 13.20-21). Barnabé e Saulo, figurativamente, são os que cavam as pedras e semeiam a semente à terra limpa de empecilhos, e a regam com

carinho e solicitude, para que a semente não só brote, mas se faça planta e dê fruto e fruto abundante, como aconteceu com a igreja no seu conjunto. A catequese, como já o dissemos em estudo anterior, nunca deve cessar. O evangelista João, ao concluir a sua apresentação de Jesus, o Verbo de Deus, feito carne, escreve: "Há, porém, ainda outras cousas que Jesus fez. Se todas estas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos".

Quando ele escreveu isso estávamos ainda no princípio do reinado de Jesus Cristo. Através de tantos séculos de história cristã quanto mais coisas foram obras por Ele através do Seu Espírito? Quem as pode contar? Sempre há algum sucesso novo no caminho de Cristo que quem o adverte tem a obrigação de declará-lo. Existe uma Bíblia escrita e outra experimental, porque Jesus, o Cristo, não é só História, é Presença é o Mestre contemporâneo de cada geração de cristãos.

3) Mas a Palavra e o Ensino foi complementado pela Ação misericordiosa. A igreja saiu do seu círculo íntimo para estender-se fora de suas fronteiras. Acorda a uma necessidade humana urgente, não da sua comunidade, mas da comunidade que, ainda que indiretamente, lhe prodigou o Evangelho.

Um profeta dos que profetizavam em Jerusalém, chamado Ágabo, chegou com outros a Antioquia e revelou que prestes a vir estava uma grande escassez de alimento, o que deveras sobreveio. A mesma devia ser sentida especialmente nos arraiais cristãos da Judéia, de certo pelo que teria informado Ágabo. Então, registra o historiador: "Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia, o que eles, com efeito, fizeram, enviando-o aos presbíteros por intermédio de Barnabé e Saulo" (Atos 11.29-30).

Além de ser um ato de solidariedade humana e fraternal, a congregação prova que possui sentido de responsabilidade econômica, ou de mordomia. Imediatamente resolvem partilhar com os necessitados, ainda que não estejam às suas portas, os seus recursos econômicos. Antioquia estava perto dum vale ubérrimo que era mui produtivo em frutas e vegetais, e, de certo, aquele período de fome não a atingiu.

Temos que sublinhar o fato que "cada um" dos membros da igreja ofereceu espontaneamente do que possuía. De certo tinham sido adestrados a dar pelo exemplo trazido de Jerusalém, onde os discípulos tinham tudo em comum, ou pelo costume dos judeus que dizimavam todas as suas entradas para as necessidades da comunidade seio-religiosa. Neste caso, porém, foi algo fora do comum. Não era uma obrigação o que tinham de acatar obedientemente, mas uma graça que deviam oferecer fidalgamente. E assim o fizeram.

Não só ofereceram de acordo às suas possibilidades, mas junto com a doação enviaram aos seus principais líderes a levá-la à Judéia e entregá-la aos anciãos das igrejas. Ao passar notaremos que as congregações em Judéia já tinham os seus líderes, denominados "presbíteros" ou "anciãos", que não seriam exatamente ainda como os nossos presbíteros, mas oficiais das igrejas locais. Não queriam os irmãos de Antioquia enviar friamente a sua dádiva, mas desejavam ao mesmo tempo dar-lhes uma demonstração cálida do seu afeto por intermédio das pessoas mais representativas e respeitadas do seu grupo. O que foi, sem dúvida uma prova do grau de desprendimento e de autodeterminação da igreja. É esta a que envia a dádiva e os mensageiros!

Foi um ato de mordomia consciente, responsável e não um óbolo, esmola, solva. Foi participar da dor a quem se doa, como gesto nobre de puro amor fraternal. O princípio do que chamaríamos hoje de Ação

Social, e não caridade. Em verdade, ainda que não se reconheça, a Ação Social é fruto do amor cristão. Se tem secularizado a sua prática, o que não deve fazer esquecer à Igreja que ela foi a "mãe da criatura", e que sempre tem que ser, dentro das suas possibilidades colaboradora de todo bem público. Se o bem-estar comunitário, na sua grande extensão, é dever do estado como agente supervisor da economia social, a Igreja deve ser sempre elemento de supervisão profética para que todo ser humano receba tudo aquilo que perfaz a sua dignidade total.

Deveria compungir-nos no vivo da consciência o estado lastimoso da humanidade, ao constatar quanta parte dela carece de todo gênero de elementos vitais. As centenas de milhões se contam os que têm fome e padecem frio, e são enfermos e ignorantes, não têm habitação decente ou estão abandonados, só, desprezados, vilipendiados, perseguidos, oprimidos. E não é que a nossa mãe-terra não seja pródiga de dádivas, haveria para todos se todos os corações fossem pródigos de amor, se não se gastassem mais de mil milhões de dólares diariamente em armas, e se tivessem disciplina em gastos os que têm em suas mãos fortunas ou outros recursos.

Essa falta de cooperação individual e coletiva, vai, se não houver mudança radical, levar-nos ao aniquilamento da humanidade e o mundo que ela habita. Já estamos, como se fora à beira do abismo. A todos nós, nos deve chamar à realidade do nosso estado geral as palavras proféticas de Isaías: "De que me serve a mim a multidão dos vossos sacrifícios? diz o Senhor — as vossas solenidades as aborrece a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.

Lavai-vos, purificai-vos, tirai as maldades dos vossos atos de diante dos meus olhos, cessai de fazer mal, aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto, ajudai o oprimido, fazei justiça ao órfão, tratai da causa das viúvas. Vinde, então, e argüi-me, diz o Senhor..." (Isaías 1.11, 14-17).

Essa não foi peroração feita só a gente de igreja, foi feita a todo o povo, a toda a nação. E ainda é para todos nós, e a parte que nos toca, aos que nos declaramos cristãos, é muito mais rigorosa, se em vez de ir com o Cristo "que ia por toda a parte fazendo o bem", nos aliamos perfeitamente com aqueles que vão por toda a parte fazendo o mal.

Os de Antioquia "resolveram enviar socorro... e com efeito o fizeram". E nós?

Entre aqueles que foram instruídos por Barnabé e Saulo sobre o caráter da vida cristã, houve alguns que se destacaram e também se converteram em profetas e mestres. Foi o princípio da longa carreira didática dessa igreja. Passado um ano, ou mais, desde a vinda de Saulo a Antioquia, achou-se que podiam-se dispensar a Barnabé e Saulo para ir a outras partes a propagar o Evangelho — entre outros gentios em outras terras. Não acontecesse o que tinha acontecido com a igreja de Jerusalém que se tinha circunscrito a pregar a Cristo só aos judeus. Em Antioquia se universalizou o Evangelho com a influência de pessoas (algumas, certamente prosélitas do Judaísmo) nascidas fora da Palestina que tinham experimentado a presença do Espírito de Jesus, como a tinham experimentado os que eram judeus palestinos.

Assim um bom dia reuniu-se a igreja de Antioquia para revisar o seu programa, debaixo da inspiração do Espírito Santo, em Quem confiavam plenamente. Como Este tinha-se manifestado no Cenáculo, em Jerusalém, agora se manifesta com o mesmo propósito evan-

gelizador entre os discípulos de Antioquia. Disse à igreja: "Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado" (Atos 13.2). E a Congregação, em jejum e oração, desprende-se deles. Jesus, ressurreto, havia ordenado que o Evangelho fosse pregado e vivido "até os confins da terra" e era já hora de entender a obra tão bem começada naquela cidade que antes era completamente alheia ao novo movimento religioso.

Aqui devemos sublinhar a coisa maravilhosa dessa congregação, mormente gentílica, receptora dos ensinamentos dos dois apóstolos: se converte por sua vez, em inspiradora deles. E é a congregação que "impõe sobre eles as mãos para despedi-los" para essa nova empresa (Atos 13.3). Outras terras e outros povos precisavam do Evangelho como eles o precisavam.

E aqui tem início o movimento precisamente missionário, movimento que não pode cessar, pois que atualmente existe mais gente por evangelizar que quando a igreja de Antioquia despertou a essa necessidade de ir "até aos confins da terra". A essa igreja cabe a glória de ter dado o primeiro impulso, impulso que levaria a Barnabé e a Saulo a empenhar-se nessa tarefa até o fim de suas vidas. Para isso, não tinham talvez de si organização formal que amparasse os missionários, a não ser uma congregação orante e a convicção de que o Espírito Santo os ampararia e inspiraria. Em toda obra desta espécie, não desprezando outras ajudas, estímulos ou facilidades, sempre faz falta imprescindível uma congregação orante e enviados que partam na força e na inspiração do Espírito. Sem esses dois elementos essenciais, a obra não pode dar os frutos esperados.

O espírito missionário deve mostrar em cada congregação. As fronteiras não sempre estão longe; há pontos de extensão dentro da mesma cidade em que

uma congregação pode estar atuando, em vilas, ou vilórios, ou bairros onde não haja quem testifique. A atração do que está longe, não deve fazer-nos perder a perspectiva daquilo que pode estar perto. Tudo depende de dapaixão missionária duma congregação e de cada membro em particular. A igreja de Antioquia, como toda igreja cristã primitiva tinha que estar dispersa em muitos grupos e lugares da cidade, pois não podia ter templo próprio. A soma desses grupos dispersos formava a igreja, e os grupos foram formando-se pelo zelo missionário de poucas pessoas ou mesmo duma, em casa de famílias, ou lugares prestados ou alugados. No livro de Atos e nas cartas de São Paulo achamos exemplo disso. E nessa base foi crescendo e estendendo-se a igreja. Que o templo não se converta em fortaleza de recinto cerrado, mas em lugar donde se parta em busca de novos horizontes e oportunidades de testemunho!

Era notável o grau de entendimento entre guias e congregação. Parece que se aglutinavam como equipe, como em igualdade de serviço e determinação de ação, todos impulsos pelas sugestões do Espírito Santo. E isso é sobremaneira importante para uma ação positiva dentro e fora dos arraiais eclesiais.

Não sempre é assim, como vimos com a igreja de Corinto, dividida em facções e programas. Isto se tem dado através de toda a história das Igrejas Cristãs, de aí as grandes e pequenas divisões. É inevitável quando falta compreensão e amor fraternal e se perde o alvo ao qual aponta o Evangelho.

Isto não quer dizer que deve haver completo assentimento a tudo, e falta de opiniões diversas. Sempre as teremos e é saudável tê-las, porque senão seria muito unilateral a ação e de pouca variedade. O que traz desassossego é a imposição das idéias de uns sobre os demais, ou o orgulho de uma facção quando julga que a sua opinião ou ação é a única aceitável. No caso da

Igreja de Antioquia, a obra missionária foi levada a cabo, com assentimento de toda a Congregação, e nas pessoas de Barnabé e Saulo, não eram só eles que iam de peregrinação a terras distantes, era a própria congregação neles encarnada. Em certo sentido até na menagem, que o pastor prega cada domingo, não deveria ser só a sua voz que clama ou ensina, ou aconselha, mas a da igreja mesma.

O fato de que a empresa missionária de Saulo e Barnabé era da igreja toda essa patente no que sucedeu ao concluí-la. Eles voltaram a Antioquia, e “ali chegado, reunidos relataram quantas cousas fizera Deus com eles, e como abria aos gentios a porta da fé” (Atos 14.27). E ali continuaram não pouco tempo (14.28).

Na Judéia, entretanto, surgiram dúvidas quanto à genuinidade do que se dava em Antioquia, porque os que se uniam à Igreja não eram submetidos aos ritos e costumes judaicos. Houve, portanto, discussão forte entre os que assim pensavam e a congregação antioquina. Os de Antioquia entretanto, não tomavam a iniciativa de separar-se dos irmãos da Judéia, mas de entrar num acordo e novamente deputam a Barnabé e Saulo (agora já conhecido com o nome de Paulo) (coisa que aconteceu durante a viagem missionária) para que fôssemos junto com outros membros, a dar testemunho de que Deus fora quem, pelo Espírito, assim determinara. E, em Jerusalém, houve uma reunião em que o ponto-de-vista da igreja de Antioquia foi aceito, com umas poucas concessões, e com o apoio do apóstolo Pedro, dizendo-lhes este entre outras observações, que Deus “não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações”, e, “cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus como também aqueles o foram” (Atos 15). Desta maneira passou o perigo de que o Cristo mesmo viesse a ser algo assim como uma seita dentro do Judaísmo. À igreja

de Antioquia, pelos seus emissários coube grande parte do êxito.

5) No princípio do capítulo 13 do livro dos Atos se lê: “Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Colaço de Herodes o tetrarca e Saulo” (13.1). Esta pequena lista de nomes, nós dá idéia da composição dessa congregação. Esses eram os líderes, ou dos principais dentre eles. Não se menciona que nenhum deles fosse o pastor, o encarregado principal. Em verdade, para eles, o Cristo manifestado no Espírito era o Pastor, o Supremo Guia. Todos eram todavia “discípulos”, sem qualificação de ordem eclesiástica, mas sim pessoas com dons e responsabilidades diferentes. As decisões eram tomadas em conjunto, sob a inspiração divina “com jejuns e orações”.

Pela amostra que temos nos nomes citados acima, vemos que era uma congregação de ecumenismo étnico e internacional. De fato Barnabé era de Chipre, Simão (o Negro) e Lúcio de África, Manaem da Palestina e Paulo da Cilícia ou Ásia Menor. Evidentemente não havia distinção de classe, de origem, de posição social e, já vimos, eclesiástica. Era uma fraternidade pura e simples, uma sociedade religiosa com iguais direitos e responsabilidades, uma companhia chamada com a missão de revelar ao mundo a natureza do amor de Deus, em Cristo, na história e no futuro da humanidade.

A igreja de Antioquia bem pode ser paradigma a qualquer congregação cristã dos nossos dias. Não temos muitos detalhes de como se dirigia essa congregação. Naturalmente cada igreja tem que formular o seu próprio programa de ação, conforme à comunidade que pretenda servir e influir, e de acordo ao seu tamanho e possibilidade. Mas o espírito geral deveria ser o dessa igreja: ter espírito evangelizador e missionário, entranhas de misericórdia e noção, com respon-

sabilidade, dos diversos e dos deveres humanos, liberdade, paixão educativa, unidade de propósito, respeito por cada pessoa, sem restrições ou prejuízo, e por sobre todas as coisas, fé fervente na superintendência do Espírito Santo.

É muito pedir? O alvo tem que estar, como desafio, sempre além do que parecem ser as nossas possibilidades. Tudo depende de nos darmos primeiramente ao Senhor.

A IGREJA DE FILIPOS

Atos Cap. 16, 18.1-6. Carta aos Filipenses

Na costa setentrional do rio Pangeo, na velha Macedônia da época do Novo Testamento, estava posta a cidade a Filipos, para onde o apóstolo São Paulo se dirigiu, depois dum período de incerteza, ao acudir a um chamado que um homem dessa região lhe fazia através duma visão. Nessa ocasião a cidade estava debaixo do domínio romano, mas o seu nome datava do século IV antes de Cristo, para celebrar a conquista que dela fizera o pai de Alexandre, o Grande, Filipe. Era uma das cidades mais importantes da região. E na época em que o Apóstolo a visitou era habitada por veteranos romanos e gente nativa. Parece que poucos judeus a povoavam, pois não consta que nela houvesse uma sinagoga. Desde o ano 146 era colônia romana.

São Paulo chegou aí entre os anos 50-51 da nossa era, acompanhado de dois jovens companheiros de jornada, Silas e Timóteo, e mui provavelmente do médico Lucas, que se supõe ser o homem macedônico da visão e narrador dessa visita. Aí chegados, e não encontrando a sinagoga, julgaram que à beira do rio encontrariam, no dia sábado, pelo menos alguns judeus adorando e orando de mulheres reunidas, e, entre elas, uma que respondia ao nome de Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, esta da região de Lídia, na Ásia Menor. Nesta florescia uma pequena indústria de tingir púrpura. Como representante-vendedora dessa in-

dústria, era Lídia mulher, pura, laboriosa, que se havia radicado em Filipos, com a sua família e, provavelmente escravos. Supõe-se que seria viúva e prosélita, pois que em Tiatira havia um bom grupo de judeus. Na nova residência evidentemente se havia unido a algumas mulheres judias, e, com elas, ia à margem do rio, nos sábados a orar. Surpreende que não houvesse varões. Como seja, São Paulo não perdeu ocasião de anunciar-lhes a Cristo.

Lídia foi a mais interessada em ouvir a exposição evangélica. De fato, Lucas diz que “o Senhor lhe abriu o coração”. Das outras não se diz palavra. O coração de Lídia era terra fértil, que imediatamente deu fruto. O Espírito a tocou profundamente e aceitou ao Senhor com unção e pedia ser batizada aí mesmo, e, de certo, como era costume familiar de seguir a religião do chefe da casa, os seus familiares e servos também o foram. E com esse pequeno grupo, teve início a igreja cristã de Filipos.

Lídia era mulher de resoluções súbitas. Ligada a Cristo pela fé e compreendendo que era o Seu espírito, de imediato se pôs a disposição da coisa, oferecendo — não por cortesia — mas, sim, com empenho a que o seu lar fosse a hospedaria dos mensageiros da cruz. Lucas diz com ênfase: “E nos constrangeu a isso” (Atos 16.15). É sempre assim quando nos convertemos realmente ao Senhor: Temos que, sentimos, somos impulsionados a fazer alguma coisa para Ele, quem fez tanto por nós.

Lídia não só deve ter achado que esses anunciadores das boas novas de Deus precisavam de lugar digno onde habitar e de algum cuidado familiar — já que eram peregrinos — mas calculou que deviam ter ponto de apoio para a sua tarefa evangelizadora. Esses homens não deviam ir-se logo, tinham que ficar em

Filipos, onde a gente precisava de ouvir o que ela e a sua casa tinham ouvido.

Diz Lucas que Paulo e os seus companheiros estiveram “alguns dias” nessa cidade. Dá a impressão que não foram muitos, mas é possível que fossem mais do que pode inferir-se desse texto, pelo que se diz mais adiante do ministério deles aí, pois continuaram a ter reuniões de oração, ao que parece, no mesmo lugar onde encontraram ao princípio Lídia e as demais mulheres. É possível que houvesse reuniões dessa espécie, tanto na casa de Lídia como na margem do rio — dois grupos diferentes. Mas não há certeza. Como quer que fosse a Igreja ficou assentada em bases firmes.

A segunda conversão notável foi a de outra mulher, mais jovem que Lídia, e possivelmente escrava, que “tinha espírito de adivinhação”. Os estudiosos do texto grego opinam que era ventríloqua. Aqueles que a tinham em custódia, “os seus senhores” exploravam o seu dom e com isso, com a gente supersticiosa obtinham lucro. Essa moça, que era obrigada a exibir-se em público, encontrava-se com os evangelistas e com as suas ejaculações, acompanhando-os, irritava ao Apóstolo Paulo, até que um dia achou que devia ajudar a essa pobre moça, tão indignamente explorada. Ela tinha influído, não sabemos como, a não ser por uma fortuita revelação do Espírito Santo, que esses homens vinham de um poder superior àquele que a possuía, pois clamava: “Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus altíssimo” (Atos 16.17). São Paulo a guiou, com a sua palavra, aos pés de Jesus Cristo. Mas com isso ela voltou ao estado normal de um ser livre.

A sua libertação espiritual, porém, indignou os seus senhores que viram defraudada a sua esperança de continuar a explorar a jovem. Provocaram um tumulto, acusando aos evangelistas de serem culpados de

perturbar a tranqüilidade da cidade. Foram, Paulo e Silas presos, açoitados no cárcere. No cárcere os dois companheiros, ao invés de queixar-se de sua má sorte, surpreenderam os outros presos com cânticos e orações. Houve improvisamente uma enventiva forte do terreno e eles ficaram livres do tronco a que haviam estado sujeitos. O carcereiro assustado e temeroso, pensando que os presos escapariam, tentou suicidar-se, o que não permitiu Paulo, com a sua oportuna intervenção. Ante louvor tão sereno, heróico e bondoso, perguntou-lhe que devia fazer para salvar-se. O apóstolo o conduziu a Cristo, a quem o podia salvar não somente naquela contingência mas para sempre. O carcereiro mudou completamente de atitude com os presos. Recebeu em sua casa a Paulo e Silas, e os alimentou. Foi batizado aí mesmo, ele e a sua família, e houve grande alegria de coração. E assim aumentou, de uma maneira maravilhosa o grupo de crentes em Cristo, na cidade de Filipos.

A pedido das autoridades, que os tinham vexados tão ignominiosamente, mas depois temerosos por saber que haviam agido contra cidadãos romanos, sem processo, saíram da cidade ao dia seguinte. Porém, antes de ir-se, passaram pela casa de Lídia, onde estavam reunidos os irmãos recém-convertidos, se confortaram mutuamente, seguramente com orações fervorosas. E assim ficava constituída a igreja de Filipos, que teve como principais fatores básicos uma comerciante em púrpura, uma jovem antes explorada e um carcereiro, mas as famílias de Lídia e deste último. Isso nos mostra o maravilhoso do evangelho e dos caminhos de Deus. Todo lugar e tempo são oportunidades para o evangelho. Só fazem falta homens e mulheres que com sua fé e proceder dêem testemunho de que é verdade que "Deus amou o mundo para salvar em Cristo a todo aquele que crê".

Quando S. Paulo escreve a sua importante carta aos irmãos de Filipos já haviam passado ao redor de dez anos, desde que a igreja fora estabelecida por ele mesmo. Durante este lapso, ele teve ocasião de passar por Filipos diversas vezes, mas a respeito de sua atividade concreta temos evidências mui pálidas. Se supõe, por exemplo, que daí escreveu a III carta aos Coríntios. Indubitavelmente deve ter-se ocupado em fortalecer o espírito dos irmãos para que dessem testemunho cada vez mais notório do Evangelho na comunidade. Apesar de que, com o tempo, se foi formando um corpo de líderes, ele sempre se considerou o pastor notável dessa congregação que tinha, talvez, mais que qualquer outra, compreendido o seu espírito e o objetivo primordial e essencial do seu ministério, como o expressa nessa carta: "Para mim o viver é Cristo" (1.21) e, portanto, proclamá-lo pela palavra e pela ação.

Pela carta que lhes escreveu, desde o seu cativeiro em Roma, temos que inferir algo mais da natureza e espírito dessa igreja. Notamos como as relações entre pastor e congregação são cordiais e mutuamente edificantes. Diz-lhes: "Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição a Jesus Cristo" (1.8). As saudades que expressa são revelações de que o convívio com esses irmãos é de fortalecimento para o seu ânimo de lutador incansável.

Essa relação de mútua estima, de mútua cooperação e entendimento é de suprema importância entre congregação e pastor, porque não só o pastor deve ser inspirador da congregação, mas esta o deve ser também daquele, como foi o caso com a Igreja de Antioquia de Síria e os seus líderes Saulo e Barnabé.

A mútua estima e respeito não impedem que às vezes haja pontos de vista e ênfases diferentes, e é bom que os haja, senão não haveria câmbios e progresso, e tudo seria mui rotineiro e monótono. É inevitável que

surjam problemas inesperados e urgentes, e não sempre a solução tem um só caminho, e não é questão de quem prevalece mas de como chegar a porto seguro, com boa vontade, compreensão, tolerância, amor. O pastor tem que ser bom mediador, e, em caso de dissensões saber capear o temporal. Nunca deve ser ditador, pensar que, por ser pastor, necessariamente a sua opinião é sempre a mais acertada e plausível.

Naturalmente pode chegar o momento, como chegou em várias ocasiões com o Apóstolo em que é necessário que o pastor se ponha em defesa daquilo que é sagrado na doutrina ou na prática, como foi o caso na igreja de Corinto. A opinião firme e acertada, e não fácil, salvou a igreja de tomar um curso deletério e negativo quanto ao verdadeiro sentido da conduta cristã, dentro e fora do seu âmbito congregacional. O pastor, na sua função de pregador, nunca deve perder a exortação profética, ainda quando não haja consenso unânime à sua palavra. São Paulo podia dizer à igreja de Filipos: "resplandeceis como astros no mundo" (2.15). Mas ao mesmo tempo lhes recomendava: "Fazei todas as coisas sem murmurações, nem contendas" (2.14). "Rogo a Evódia e a Síntique que sentem o mesmo no Senhor" (4.2).

Em São Paulo, pois, na sua função pastoral, o encontramos zeloso de que tudo se fizesse conforme "à mente do Senhor". Ele, como já vimos, asseverou que o seu viver é em Cristo, ou ainda que o Cristo tinha feito habitação nele, de tanto estar em comunhão com o seu Espírito. Quase nos faz crer que quem o vê, vê a Cristo, pois ousa dizer a esses irmãos de Filipos: "Sede também meus imitadores... segundo o exemplo que tendes em nós" (3.17). Daí inferimos que essa congregação devia sentir que Cristo em espírito, era realmente o pastor de suas vidas, como o era do mesmo Apóstolo.

muitos mestres ambulantes costumavam, especialmente entre os que presumiam, entre os helênicos, ensinar filosofia.

Esta carta aos Filipenses é em grande parte uma missiva de agradecimento, pelas dádivas recebidas em seu alojamento-prisão em Roma. Essas dádivas não o humilham antes o confortam "...fizestes bem em tomar parte na minha aflição". E lhes recorda que "bem sabeis também vós, ó filipenses, que no princípio do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e receber, senão vós somente, porque uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica". E lhes recalca: "Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que abunde para a vossa conta". Faz-lhes sentir que as aceita de boa mente, por causa do espírito com que sempre mostraram a sua generosidade para com a sua pessoa. E acrescenta: "Mas bastante tenho recebido, e tenho em abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito (mensageiro da igreja de Filipos) o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro suave e sacrifício agradável e aprazível a Deus" (Fp 4.14-18).

Naturalmente, esta última fase, nos traz à memória, o convite que Lídia fez a S. Paulo e aos seus companheiros, para que aceitassem ser hóspedes em sua casa. Foi uma oferta de amor. E essa oferta continuou a existir no seio dessa congregação. Paulo era o hóspede permanente, ainda quando estava ausente. A Congregação recebeu de Lídia esse espírito de generosidade e desprendimento. Quando pode, às vezes, a influência duma só pessoa influir no espírito da sua congregação para bem (ou também para mal)! E com que fineza deviam contribuir, como para não ofender a sensibilidade do apóstolo. Não davam como esmola ou paga, mas no entender de Paulo como "cheiro de sua vida e sacrifício agradável e aprazível a Deus". Isto

Nessa epístola achamos falta de referências bíblicas do Velho Testamento, o que revela que essa congregação, não contava no seu seio com muitos membros de origem judia, e devia, portanto ser composta, como a maior parte da população de Filipos, de veteranos romanos e nativos. Não existe o problema das igrejas da Galácia, onde existem irmãos judaizantes, e onde ele tem que provar que Jesus é o Cristo "segundo as escrituras". Jesus é o Cristo, o ungido de Deus, pelos seus merecimentos próprios, e porque "Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome" (2.9) nome que deve ser reverenciado e confessado por todos.

Por isso mesmo, porque não estavam mormente ligados a uma tradição antiga, os irmãos de Filipos, batizados em Cristo, podiam mais facilmente ter acesso à sua comunidade, da qual provinham. E assim deve ter sido. Aqueles que evangelizavam eram da mesma extração dos evangelizados.

O apóstolo Paulo não aceitava por princípio remuneração pelos seus serviços. Ele achava, como Jesus, que o obreiro cristão tinha direito "a viver do evangelho" (I Co 9.14). Mas não seu caso. "Mas nós não usamos deste direito; antes suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo" (I Co 9.12). Aos presbíteros de Éfeso, com quem ele se encontrou em Mileto, ao final de sua terceira viagem missionária, e em caminho para Jerusalém, ele declara: "Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estavam comigo, estas mãos me serviram" (Atos 20.34). Não foi assim com a congregação de Filipos, apesar de que o seu ministério junto a ela, nunca fora de longa duração, o que demonstra a sua peculiaridade. Ele não queria depender economicamente das congregações porque não queria que pensassem que pregava o Evangelho por interesse monetário, como

primeiramente ao Senhor". Quando a Ele nos damos *primeiramente*, todas as demais coisas se seguem por *acrescentamento*. Tinha razão S. Paulo de sentir-se orgulhoso não só da igreja de Filipos mas da Macedônia toda! Oxalá se pudesse dizer das nossas igrejas, o que Paulo disse das da Macedônia!

E ao considerar o sentido de responsabilidade em essa "graça" de mordomia da igreja de Filipos, teríamos que refletir sobre o nosso comportamento a respeito deste assunto. Qual é a melhor política a seguir? São Paulo diz que os filipenses deram conforme o seu poder — e ainda acima do seu poder e voluntariamente, e aplaude, como exemplo, a sua maneira de colaborar nos "negócios" do Reino. Não menciona a prática judaica do dízimo. Deram voluntariamente, não porque havia lei que obrigasse a dar tal ou qual quantidade. Deram por amor à obra do Reino, e este é de tal importância que não deve medir sacrifícios se necessários. O apreço que damos à tarefa de Cristo determina a nossa mordomia — ainda acima do nosso poder. Quanto deu Cristo? S. Paulo pinta com palavras magistrais a contribuição do Senhor, quando escreve aos coríntios: "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecesseis" (II Co 8.9). Jesus Cristo por amor deu sua vida, para que com sua morte nos enriquecêssemos de vida, uma vida com promessa de eternidade! Por amor devemos determinar a nossa mordomia comparando à mordomia de Cristo, e à sua ordem de ir até aos confins — e há muitos confins — da terra a ensinar o que é "viver em Cristo". E, quando existe esse amor, até da nossa pobreza arrancam riquezas.

A saudação, que Paulo e Timóteo dirigem à igreja é para "os santos (nós diríamos crentes) em Cristo Jesus, que estão Filipos, com os bispos e diáconos (1.1).

nos revela uma característica notável desta congregação: dar com o coração agradecido pela graça recebida de Deus, generosamente, alegremente, abundantemente.

Esse "agradável e aprazível dom de contribuir ao bem-estar do apóstolo estando ele presente ou ausente não se limitava a ele. São Paulo, durante a sua terceira viagem missionária estivera estimulando as igrejas fundadas em terras gentílicas a levantar uma oferta para os irmãos da Judéia, necessitados de urgente e mui necessária ajuda. Com algumas dessas congregações teve apelos com insistência para que dessem com generosidade e alegria. Para estimular aos Coríntios a fazer a sua parte e boamente lhes diz que assim como tinham abundado no cumprimento de muitos deveres de ordem espiritual "abundassem também nesta graça" (essa oferta, que com um grupo de irmãos das diversas igrejas ele estava em processo de levar a Jerusalém).

Dá-lhes, pois, o exemplo de como outras regiões tinham-se esmerado em dar em sua II carta (aos Coríntios) lhes diz que a Acaia havia estado "pronta desde o ano passado" (9.2). Mas das igrejas da Macedônia, da qual Filipos era a principal testemunha de uma forma explícita: "Irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia; como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico), e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas a si mesmo se deram primeiramente ao Senhor, e depois a nós, pela vontade de Deus (8.1-5). Este é o testemunho altissonante do Apóstolo às igrejas da Macedônia, incluída a de Filipos. O segredo de tanta generosidade estava na última parte citada "se deram

Esta saudação nos faz pensar em algumas coisas importantes. Primeiramente é dirigida aos crentes todos e depois se especifica que, em particular, é para "os bispos (ou presbíteros) e diaconos". Não é carta para os líderes; eles formam parte da congregação. Ainda não existe tecnicamente a divisão entre leigos e clérigos. Existem líderes com certas funções (que aqui não se determinam) de ordem local, isto é, no seio dessa congregação, nem no curso da carta se especificam. Mas já se nota que há certa organização que demanda que haja líderes responsáveis pela congregação toda, dentro e fora dos seus arraiais. Já no fim do primeiro e princípios do segundo século o fator eclesiástico se foi acentuando como se nota nas chamadas cartas pastorais, atribuídas a S. Paulo.

Durante esses dez anos, desde os seus princípios, evidentemente a igreja de Filipos esteve crescendo enormemente, ainda quando não temos dados estatísticos. A presença de presbíteros e diaconos nos dá fé disso. Quando S. Paulo e os seus companheiros, Silas e Timóteo se ausentaram da cidade nessa primeira visita, já deixaram um grupo "de irmãos", na casa de Lídia. Esse primeiro centro de reunião deve ter dado lugar a outros, provavelmente na casa do carcereiro e mais pontos na cidade. A igreja dispersa em diversos centros, mas unida no Espírito de Cristo, revela ter crescido em graça, tamanho e responsabilidade, a tal ponto que já era necessário instalar um grupo orientador e representativo. Isso fala alto da qualidade empreendedora dessa congregação, de modo particular no campo da evangelização.

Conservou o temperamento inicial dos seus fundadores: de Lídia e Paulo. É bem possível que o Apóstolo, como no caso de Corinto, tivesse escrito outras cartas à Congregação, orientando-a e inspirando-a, e que ele mesmo tivesse nalguma visita ajudado a esco-

lher e nomear a esses bispos ou presbíteros e os diáconos, quem, sem dúvida deviam ter as qualidades morais e espirituais especificadas nas cartas pastorais. Provavelmente alguns deles teriam grupos em suas próprias casas e tivessem empreendido obra missionária em aldeias ou cidades nessa região.

Pelo que Paulo diz na sua carta, ali também se cuidou de dar aos seus membros, depois de evangelizados, instruções quanto à ética e a doutrina cristãs, pois ele recomenda: “que a vossa caridade abunde mais a mais em ciência e em todo o conhecimento” (1.9). Claramente ele não quer que se descuide o enriquecimento de mente e espírito. Que a conversão a Cristo não seja só entusiasmo passageiro, mas fé operante e inteligente. O ensino deve ser permanente e não deve estancar, mas “abundar mais e mais”, ser como corrente d’água e não cisterna. É imprescindível um tirocínio continuado e ascendente. Na sua carta, o Apóstolo dá uma mostra da base dessa ascensão moral e espiritual, quando lhes diz: “Quanto as mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor nisso pensai” (4.8). Estas palavras fazem eco às de Jesus, o Mestre: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32).

Seria bem possível que houvesse na congregação, alguns que julgassem que já tinham alcançado o sumo da sabedoria e que se estivessem jactando do seu saber. O apóstolo lhes indica que o cristão nunca chega à maturidade completa. Nem ele tinha chegado a tanto. Assevera-lhes: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que para trás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo

Jesus. Pelo que, todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo” (3.13-15). Não convém parar é preciso prosseguir.

S. Paulo não estava escrevendo isto para crianças e adolescentes, ainda que seguramente estavam incluídos na congregação. Estava instruindo a pessoas adultas, elas não deviam julgar que ao batizar-se a pessoa já era naturalmente possuidora de toda a riqueza da vida cristã. A vida cristã é “o caminho” — e o caminho não é para estar parado, urge andar, e às vezes correr, até alcançar o alvo. Como pode o cristão dar a devida razão da sua fé, ou contender com aquele que, de doutrina ou crença contrária, se opõe à sua postura cristã? Como defender-se dos ataques de outras filosofias de vida, se não tem plena consciência da sua própria?

É pena constatar como o interesse por conhecer mais a fundo o sentir das Escrituras, tem-se relaxado, não só entre os leigos, mas também entre os pastores. Em alguns arraiais a pregação desde as Escrituras deixa muito a desejar. Não entendemos aqui que uma leitura continuada da Bíblia — de capa a capa — seja o requisito, ainda que é bom ter conhecimento geral do seu conteúdo. O que desejamos deixar em claro é que deve ser *estudada* em consciência e aplicada com discernimento à vida de cada dia, aí onde o Espírito Santo nos induz a refletir sobre a letra, como quando Jesus na sinagoga de Nazaré leu uma passagem em o livro de Isaías, e depois declarou: “Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos” (Lc 4.21).

Essa escritura tinha tomado *corpo*: não tinha saído só dos seus lábios tinha-se incorporado à sua vida; era carne de sua carne, e espírito do Seu Espírito. É prudente recordar o que na II carta a Timóteo se recomenda: “Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir,

para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (3.16-17). E também cabe meditar no que a carta aos Hebreus particulariza: "a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (4.12).

Há um chamado de Deus neste sentido para a nossa situação atual. Precisamos dessa espada de dois gumes, que penetre na confusão mental e espiritual que nos envolva para que vejamos o caminho que nos leve à salvação. Há muitas escrituras que querem atrair-nos à sua doutrina. Mas há uma só que salva e é aquela que sai viva do Espírito vivo de Deus.

São Paulo dizia aos Filipenses: "...no meio dum geração corrompida e perversa... resplandeceis como astros no mundo", porém lhes advertia que sua luz não era de todo resplandecente. Havia que prosseguir...

Oxalá resplandecêssemos também como astros no mundo. Como quer que seja, não há que apagar a luz que temos e prosseguir "para o alvo pelo prêmio da soberana salvação de Deus em Cristo Jesus".

A IGREJA DE ÉFESO

Atos 20.17-35; Epístola aos Efésios

Para a fundação da igreja cristã em Éfeso parece ter-se contado com a cooperação de São Paulo, com o casal Áquila e Priscila, e o evangelista Apolo. Ao completar a sua II viagem missionária, São Paulo vai de Corinto a Éfeso, acompanhado daquele casal, o qual tinha sido seu hospedeiro e companheiro na obra evangelizadora, além de sócio na fabricação de Carpas.

São Paulo ao chegar a Éfeso foi visitar a Sinagoga que havia nessa cidade e ali anunciou o evangelho, mas não se demorou na cidade, apesar de haver recebido convite a que ficasse por mais tempo. Ele seguiu viagem porque tinha pressa de chegar a Jerusalém para uma festa religiosa da tradição judia, talvez a Páscoa.

Em Éfeso ficaram morando e trabalhando Áquila e Priscila e converteram, como em Corinto, a sua casa em ponto de reunião dos cristãos, ou de pessoas interessadas em conhecer a nova religião. Algum tempo depois, chegou naquela cidade um homem, chamado Apolo, judeu natural de Alexandria do Egito, "homem eloquente e poderoso nas Escrituras (A.T.)" (Atos 18.24). Lucas acrescenta à informação dada sobre ele que: "era instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus, conhecendo apenas o batismo de João" (v. 25). Começou, logo que chegou, a pregar a Cristo na sinagoga, decerto na mesma onde S. Paulo

tinha pregado ao passar. Ouviram-no Áquila e Priscila e notaram que a sua fé em Cristo não era completamente ortodoxa. Por isso convidaram-no à sua casa para que o informassem devidamente com referência ao “caminho” cristão. Apolo não ficou, porém, muito tempo em Éfeso. Com carta de recomendações dos irmãos, provavelmente de Áquila e Priscila, se encaminhou para a província da Acaia, e principalmente em Corinto. A população helênica deve tê-lo apreciado principalmente pelo seu dom oratório. Diz-se que ali “com grande poder convencia publicamente os judeus, provando por meio das Escrituras (A.T.) que o Cristo é Jesus” (Atos 18.28). Apolo não ficou em Corinto, por muito tempo. Não sabemos quanto, porém por um período como para impressionar parte da congregação com a sua exposição inflamada. Voltou a Éfeso, e quando S. Paulo, desta cidade escreve aos Coríntios, lhes informa: “Acerca do irmão Apolo, muito lhe tenho recomendado que fosse ter convosco ... mas de modo algum era a vontade dele ir agora; irá, porém quando se lhe deparar boa oportunidade (I Co 16.12). Decerto não queria, com a sua presença, aumentar a divisão que, nessa ocasião, existia na igreja de Corinto, ainda que S. Paulo insistisse na sua ida.

Com a saída de Apolo de Éfeso, a obra evangelizadora ficou certamente ao cuidado do casal Áquila e Priscila “na igreja que se reúne na casa deles” (Rm 16.5) evidentemente até que o Apóstolo chegou de sua longa terceira viagem missionária.

Éfeso era, nessa época, a cidade mais importante da Ásia Menor. Medrava abundante comércio por ter via de comunicação mui importante de e para a Grécia, através do mar Egeu, e sobrepujava-a em importância sobre o mar Mediterrâneo somente as cidades de Alexandria do Egito e Antioquia de Síria. Antes de cair em poder do Império Romano no ano 133 a.C., havia

passado do domínio de diversos conquistadores, entre eles Alexandre Magno (344 a.C.). Era capital da província, tanto como religiosamente.

Entre as muitas seitas religiosas existentes em Éfeso e seus arredores, sobressaía o culto à deusa chamada Diana, pelos Romanos, e Artemisa pelos Helênicos, à qual tinham levantado um templo imenso. Também tinha grande relevância, especialmente devido ao poder romano, o culto ao imperador. Existiam exorcistas ambulantes, pilotados por “sete filhos de um judeu chamado Ceva” (Atos 19.14). Ademais, aparece um grupo de discípulos de João, o Batista, que se julga que tinham a esse profeta como sendo o Messias. Havia, outrossim, outros que praticavam artes mágicas. Somavam-se a todos esses grupos — e provavelmente outros um conjunto de pessoas que praticava as artes mágicas, e não devemos esquecer a colônia judia, primeiro setor da obra evangelizadora de S. Paulo. Havia, pois, naquela cidade, um conglomerado de tendências religiosas e supersticiosas de gosto e inclinações diversos.

Com todos esses elementos teve São Paulo que conter, com o resultado que ele desbaratou a pretenção dos exorcistas, teve grande influência em atenuar o fervor pelas artes mágicas, em ganhar alguns judeus para a sua causa, em alterar o negócio de venda de imagens da deusa Diana, de tal maneira que o principal fabricante das mesmas, um tal Demétrio, conseguiu tumultuar a cidade, para que o apóstolo — como intruso — fosse castigado em sua qualidade de ofensor do culto à deusa. Coisa que não conseguiu.

São Paulo principiou a sua tarefa evangelizadora na sinagoga da comunidade judia que parece ter sido bastante numerosa. Mas não pôde exercer o seu ministério nela, por muito tempo. Aos três meses, teve que “discorrer diariamente na escola de Tirano” (Atos 19.9). Quem seria esse Tirano não sabemos, porque

o seu nome não aparece mais. É bem possível que fosse um auditório onde os filósofos sofistas itinerantes davam classe. Textos há que asseveram que São Paulo dava o seu ensino desde as onze da manhã até às quatro da tarde, isto é, depois que as aulas dos sofistas tinham sido concluídas, pois estas eram dadas desde bem cedinho.

Durou o seu ministério nessa escola de Tirano um período de dois anos. Essas lições diárias tiveram ecos e repercussões regionais, de tal maneira que o historiador registra que isso deu “ensajo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos (não judeus)” (19.10). É bem possível, conhecendo o espírito inquieto de São Paulo, que ele fizesse excursões às outras cidades da província asiática, também no interesse da sua profissão de teólogo, pois sabemos, pelo que ele mesmo recorda, que para o seu sustento e dos seus companheiros suas mãos tinham estado ocupadas (20.34).

Como ele ficou em Éfeso três anos, o resto do tempo, excetuados os primeiros três meses, quando tentou converter os da sinagoga, deve ter ensinado em casa de conversos e na do casal Áquila e Priscila.

Parece que, ao mesmo tempo que ele frequentou a sinagoga, teve ensajo de encontrar-se com um grupo de crentes em Cristo, que haviam sido batizados com o batismo para arrependimento proclamado por João, o Batista. Talvez esse grupo fosse daqueles que tinham ouvido as pregações de Apolo, antes que este fosse doutrinado pelo casal Áquila e Priscila. Paulo os batizou em nome de Jesus, e invocou sobre eles a bênção do Espírito Santo, conduzindo-os dessa maneira para o seio da Igreja Cristã, como discípulos idôneos e testificadores.

Com esses antecedentes nós podemos dar idéia de como se foi formando a igreja de Éfeso, ao que parece,

foi a que maior atenção pastoral recebeu das fundadas pelo apóstolo Paulo. Ao finalizar aquele período de três anos, a igreja já tinha-se estabelecido firmemente, e organizado formalmente, tendo à testa presbíteros (ou também identificados como bispos), certamente com a aprovação de Apóstolos e a bênção do Espírito Santo. Um ano mais tarde, ele se reunia com esses presbíteros no porto de Mileto, nas costas do mar Egeu, e ali lhes dá as suas últimas instruções. Esses diretores eclesiais tinham constatado como o seu fundador administrava e pastoreava a grei e estavam assim aptos para seguir nas suas pegadas (ver Atos 20.17-35).

Vamos analisar, pois, a mensagem que lhes deixou em herança ao despedir-se deles, na certeza de que não voltaria a vê-los, e nem a igreja que ficava debaixo da sua direção.

Recorda-lhes que o estabelecimento da mesma não fora feito. Tinha tido, com muitos padecimentos, que fazer frente às “ciladas dos judeus”. Não enumerava a sua natureza, parece, porém, que haviam posto em perigo a sua vida. Na II carta aos Coríntios, ele lembra que: “lutei em Éfeso com feras” (15.32). Lucas não faz menção disso em Atos. É certo que em Éfeso havia um grande anfiteatro, donde podia ter havido lugar, lutas de gladiadores com feras, mas não seria provável que um cidadão romano fosse obrigado a isso. Mais provavelmente essa referência tem que ver com os tumultos aos quais em diversas ocasiões ele se viu envolto com outros da congregação, e, entre eles, certamente Áquila e Priscila, pois que em carta aos Romanos ele registra, com gratidão que “pela minha vida arrancaram as suas próprias cabeças” (16.4). A fundação dessa igreja tinha custado lágrimas e talvez sangue. Portanto lhes recomenda: “Atendei, por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos

constituiu bispos (ou presbíteros) para pastorear a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue" (v. 28).

Faz-lhes notas que não ele, Paulo, ainda quando tivesse tido participação, os tinha posto à cabeça da igreja, mas "O Espírito Santo vos constituiu bispos". Era grande a responsabilidade dessa tarefa "de pastorear a igreja de Deus". Em certo sentido, era um mandato do mesmo Senhor, como ele, Paulo, depois do seu encontro com Cristo, no caminho de Damasco, sentia-se, no que fazia, sempre impulsado e assistido pelo Espírito Santo. Esses presbíteros recebiam incumbência sagradíssima, como a que ele mesmo recebera. Deve ser o sentir de todo aquele que recebe tarefa dessa espécie o "ai de mim se não pregar o Evangelho" (I Co 9.16). Em verdade, todos aqueles pastores ou oficiais da congregação, aos quais se lhes confia o povo de Deus, têm que render contas quanto ao cuidado que dêem, ou deixam de dar, aos que estão debaixo da sua direção e inspiração. São aqueles que, como o Bom Pastor têm que ir à frente, e marcar o rumo e o alvo a alcançar em Jesus Cristo.

O seu ministério era principalmente de proclamação e docente: "jamais deixando de vos anunciar cousa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (vv. 20, 21). Não importava quão dura fosse a empresa. Quando diz "tanto a judeus como a gregos", mostra a extensão da sua sementeira: a toda pessoa, e onde quer que estivesse: "publicamente e também de casa em casa". O de "casa em casa" é o suplemento íntimo, pessoal do que fora dito publicamente — interesse pastoral, para cada indivíduo e ocasião, e certamente sempre com esse espí-

rito que não poupa "humildade, lágrimas e sacrifícios ou provações". Como o seu Senhor, e nosso, havia sido o bom pastor que dá a sua vida pelas ovelhas.

Ao mesmo tempo discutimos nessas suas palavras o miolo da sua pregação e ensino: "o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo". Para uma congregação composta de tão variada extração, de tão diferentes costumes e concepções de vida, o arrependimento — mudança radical de comportamento — e a fidelidade absoluta ao Senhor Jesus Cristo (esta ante o perigo de reconhecer como *senhor* ao imperador romano), eram elementos essenciais e de permanente vigilância. Poderiam entrar na comunidade cristã "lobos vorazes" que, com a sua propaganda so-lapada, fariam estragos nas filas do resório.

Chama-os à reflexão: "Portanto vigiai, lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um" (v. 31) de novos lhes faz vir à mente o seu redobrado esforço por conservar fiel e unido o rebanho. Não é só questão de pregar e ensinar em conjunto, visto que cada irmão ou irmã tinha problemas particulares, preocupações íntimas, falhas morais ou espirituais; e o bom pastor é aquele que vai em busca de cada ovelha extraviada ou turbada, e precisando de apoio, conselho e compreensão. Ao recordar as suas lágrimas, não só mostra angústia por perder alguma vida para Cristo, mas afecção e co-participação na dor alheia — em certo sentido é "o vinde a mim todos os que estais cansados e sobre-carregados" — a simpatia participante da dor do irmão.

Ele não mais voltaria — o testemunho íntimo se o dizia — a pastorear essa igreja, à qual dera todo o seu ser, quando presente, mas eles tinham que continuar esse seu ministério, e continuar quaisquer que fossem as circunstâncias. Deixava-lhes também o exemplo da itinerância — o de ir onde é mais urgente e

necessário, apesar dos perigos e das ameaças. A igreja de Éfeso não devia ter só Éfeso, estava diante dele toda a província de Ásia, estavam os "confins da terra", estava o Reino de Deus. Eles eram cooperadores como ele o havia sido — desse Reino.

Ele, ao despedi-los "os encomenda ao Senhor e à palavra da sua graça" (v. 32). Assevera que esse poder estará com eles, guiando-os, fortalecendo-os, inspirando-os. Ele vai embora, mas o Senhor permanece, porque tanto o Senhor como a obra não mudam de lugar. Eles são instrumento da Sua graça. É esta a condição *sine qua non* de todo dirigente; o de ser não só ele, mas ele *mais* Jesus Cristo *nele*, sem o qual não é possível fazer a obra.

Podemos considerar-nos "servos imperfeitos", porque a perfeição absoluta não está em nós, senão em Áquila que nos vai perfeccionando. Com respeito o dizemos: Deus é o Paganini do céu, que pode tocar melodia salvadora, ainda quando no violino da nossa vida só fica uma corda, através à qual Ele possa tocar a sua toada de amor em Cristo Jesus, o Salvador.

Na última parte da sua exortação, declara que não tinha "cobiçado prata, nem ouro, nem vestes" (v. 35). Nesta declaração final, se descortinam três cousas importantes. A primeira confirma o que ele, com ênfase dissera aos Coríntios: que o seu sustento material havia corrido por sua conta, trabalhando, evidentemente em fabricar tendas de campanha, em cooperação com Áquila e Priscila. Essa prática permaneceu firme (exetuada a igreja de Filipos) — Que ficasse bem claro que não louvem outro motivo na sua obra evangelizadora. Tinha-se dado inteiramente sem calcular sacrifícios ou buscar recompensa material. Nessa sua autoajuda, doutro lado, tinha incluído aos seus companheiros de jornada.

Nós não somos Paulo, nem temos provavelmente debaixo do nosso cuidado igrejas como a de Éfeso, mas temos a oportunidade de ser emulos do extraordinário apóstolo, nisso de ser fiéis na tarefa a nós confiada, como se tivéssemos o mesmo gênio e a mesma obra. Quem se dedica a uma tarefa mínima, com o mesmo zelo como se estivesse engajado em tarefa máxima, é digno de respeito e reconhecimento. Cada qual, conforme o seu dom e capacidade deve ser fiel ao que se lhe encomendou, como assevera S. Paulo em outro lugar: "O que se requer dos dispenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (I Co 4.2).

Em segundo lugar, tinha-lhes ensinado, ao mencionar esse seu esforço pessoal, a serem generosos: "Temo-vos mostrado em tudo que... é mister socorrer aos necessitados" (v. 35). Não sabemos se a congregação efetiva era pouco dada em a prática de dar. Como fosse, tinham que ser benevolentes com os necessitados, como ele o tinha sido. Nos sugere que nenhuma congregação que leva o nome de Cristo, pode cuidar tão só de si mesma. Este fora o ensino constante do Apóstolo com todas as igrejas por ele iniciadas. Viviam no mundo e do mundo, portanto não tinham direito a desconhecer os sofrimentos daqueles que nele viviam e lutavam.

Em terceiro lugar chama-lhes a atenção para uma regra deixada por Jesus mesmo (não temos notícia de onde e quando foi expressado) nisso de ser responsáveis pelos desafortunados. Essa regra: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (v. 35) doutro lado, estava exemplificada no próprio Jesus, Quem, deixando todo conforto pessoal, tinha-se dado inteiramente para o bem-estar dos demais. E a sua oferta não fora de dinheiro ou esmola, fora do seu próprio sangue, e essa dádiva preciosa, inestimável se converteu em

bênção eterna de todo aquele que n'Ele entrega a sua vida.

Esta questão de dar, não é só hábito de compartilhar coisas, dinheiro, mas o compartilhar nobre de bens espirituais e morais. Que alegria deveríamos experimentar quando compartimos o nosso tempo e dedicamos a nossa inteligência para salvar a alguém perdido, melhorando assim não só o indivíduo, mas ao mesmo tempo a atmosfera social! Houve ocasiões, decerto não afortunadas, (e a história da Igreja Cristã dá disso fé) quando grupos dentro dela pensavam em acumular riquezas materiais e granjear tesouros terrenos, distribuindo só migalhas dos seus bens.

O conselho que se encontra na I Carta a Timóteo, aos ricos é pertinente até hoje para as igrejas cristãs todas: "Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade das riquezas, mas em Deus que tudo nos proporciona para nosso aprazimento, que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dor e prontos a repartir, que acumulem para si mesmos tesouros, sólidos fundamento para o futuro, afim de se apoderarem da verdadeira vida" (6.17-19). Estas palavras fazem eco a estouradas de Jesus: "Buscai em primeiro lugar seu reino e a sua justiça (Mt 6.33). Este convite é para cada membro e ao mesmo tempo para a sua congregação. S. Paulo com a sua recomendação apóia essa atitude.

Naturalmente temos que observar que Paulo estava vivendo no princípio da disseminação do evangelho — completamente desconhecido no seu mundo — e é difícil imitá-lo em todo o seu proceder. Ele fez questão de ministrar as suas igrejas e prover pelas suas necessidades e as dos seus companheiros de jornada e, ao mesmo tempo socorrer a necessitados. Não podemos pretender que a sua prática se converta numa regra

geral e taxativa. Ele não tinha família a que prover de sustento e para si exigia o mínimo. Eram outros os tempos, os ambientes e as ocasiões de servir. É possível que alguns possam todavia imitar a Paulo neste ponto em circunstâncias especiais. Aqui devemos recordar de novo o que estabeleceu Jesus e Paulo aprovou de que "o obreiro é digno do seu sustento (Mt 10.10).

Se o encarregado duma obra não pode prover ainda que seja parcialmente, à congregação cabe-lhe a responsabilidade de fazê-lo de modo especial se esta é de tamanho grande e de variados ministérios. E o sustento tem que ser digno. O obreiro, por seu lado, nunca deve ter tido (ou ter-se) como *assalariado* mas, sim, como *vocacionado* no desempenho da sua tarefa pastoral, no espírito com que S. Paulo ministrava as suas congregações. O pastorado nunca deve ser visto como um emprego, mas sempre como vocação especial, um chamado especial de Deus para uma tarefa também especial como o é o das igrejas na sua comunidade. Nem as igrejas têm o direito de fazer menos pelos seus obreiros, nem estes medir a sua vocação pelo que recebe ou deixa de receber. Sacrificios, a maior parte da gente — dentro e fora das igrejas — tem que fazer: o vocacionado por Deus para servir em tarefa especial não deve escapar disso, como ser privilegiado.

Doutro lado — hoje como ontem — faz falta obreiros eclesiásticos com vocação pastoral, que saibam viver com a sua gente, e que compreendam qual é a natureza do que chamamos o *ministério da consolação* no meio das tribulações crescentes em número e intensidade do presente século. Em verdade não só o pastor, mas cada membro da congregação tem que ter sensibilidade social da qual eram conscientes os metodistas dos primeiros tempos. Mas, sem dúvida há um membro

de toda congregação, chamado pastor, que está aí para dar o exemplo do que se entende por misericórdia, simpatia, participação, e que significa ser o Bom Pastor que dá a sua vida pelas ovelhas" (João 10.11).

Como dizia São Paulo aos Efésios de que havia muitos "lobos vorazes" querendo atacar a igreja, nós também o podemos constatar nos nossos dias. E deve haver sempre quem, valorosamente e com fé, possa fazer frente às suas ameaças e que possam curar as feridas e remediar aos estragos deixados em corpos e almas.

O pastor que, no caso de minha mãe e meu pai, nos levou a Cristo, num momento crítico da nossa vida, era um pregador modesto e de expressão linguística defeituosa, mas na sua função de pastor tinha coração de pai. Não me lembro de nenhum sermão seu; o que nos levou à Igreja foi o seu particular interesse nas nossas pessoas, e a sua piedade singela mas fervorosa. Havíamos, antes disso, ouvido pregadores de oratória exímia, mas não foi a palavra deles bastante convincente, para nos ganhar para Cristo, mas o amor profundo do bom pastor.

O nosso Senhor Jesus Cristo, ao despedir-se dos seus apóstolos, mostrou-lhes de maneira impressionante na sua grandeza de Filho de Deus o que é ser verdadeiro pastor de um rebanho. Foi quando Ele se despiu da Sua túnica e lavou-lhes os pés. Acabada a lição simbólica, perguntou-lhes: "Compreendeis o que vos fiz?" Ao ver o nosso Mestre e Senhor, inclinado aos pés dos seus discípulos, devemos captar a visão do que consiste o nosso apostolado pastoral. É ao mesmo tempo de humildade e serviço; e nessa humildade e serviço, encontraremos a glória do nosso ministério. Fomos chamados para servir, como Jesus, Quem disse que não tinha vindo para ser servido, mas, sim, para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos.

A maioria dos que somos, ou fomos, chamados para ser pastores tem dons limitados e tem que servir em situações, ao que parece, de pouca monta ou prestígio — e estas situações também formam maioria na extensão da nossa obra pastoral. Mas a gente é gente em toda parte — em maior ou menor número: tem o mesmo mérito e os mesmos anseios. A estimação de cada um de nós está em cumprir a tarefa com amor de serviço e serviço de amor, pois que aqueles que foram postos sob o nosso cuidado são aqueles por quem Cristo deu a Sua vida. Todo o demais é secundário. Somos enviados a prolongar — dentro dos nossos limites e dons naturais — o ministério consagrado do Senhor Jesus, o qual foi principalmente um ministério de consolação.

Ministérios especiais, com líderes que se destacam por seus dons e formação intelectual, filosófica e teológica são também necessários na múltipla ação da Igreja Cristã no seio do convívio humano. Não nos enganemos, porém, as congregações em si requerem pastores e do cuidado consagrado deles; de pastores que ademais de suas outras obrigações — se dêem primeiramente ao rebanho, porque temos a convicção que deles depende o futuro do Cristianismo. A ordem de Jesus a Pedro, depois da sua manifestação post-resurreição, foi: "Apascenta os meus cordeiros... pastorea as minhas ovelhas" (João 21.15-17). Essa ordem é transferível a todos aqueles que aceitam o desafio do Mestre: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mc 1.17). É bom apontar para o fato que o cuidado para com os *cordeiros*, vem antes que as *ovelhas*. Mostra o interesse de Jesus pelas crianças. Ao cuidado que lhe damos a elas, depende em grande parte também o futuro de nossas igrejas.

No livro do Apocalipse, do vidente João, há exortações dadas a sete igrejas da Ásia Menor. A primeira

a ser advertida é a de Éfeso (2.1-7). Depois de ponderar o seu comportamento geral e positivo, desaprova a que tenha "abandonado — o primeiro amor" e a convida a arrepender-se e a continuar no bom caminho em que antes transitara. Mais adiante aprovava-se o seu temperamento de "odiar as obras das Micolaitos", assim como anteriormente aprovara que "não pudessem suportar homens maus, a que presente à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não o são e os achaste mentirosos".

Aqui se desprende que houve, como São Paulo previa, tentativas de usurpar, pela força e a mentira, posições e títulos e da intromissão de crenças espúrias dentro da fé cristã. Essas haviam sido examinadas e rejeitadas, assim como os "valentes" mentirosos eliminados. Agora perguntamos: "Qual seria "esse primeiro amor"? Ao parecer, a perda do entusiasmo pela obra evangelizadora: a falta de avanço e testemunho, certamente pela intromissão de fatores estranhos e divisões. Exorta-se-lhe "lembra-te, de onde caíste, arrepende-te, e volta a prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro. Caso não te arrependas" (v. 7). Não se apagou o "candeeiro" da igreja de Éfeso. Continuou a resplandecer durante séculos, como o principal centro cristão da Ásia Menor. Com a sua luz foram iluminados ilustres mestres, profetas e teólogos, como Policarpo e Irineu, e no ano 431 a.D. houve ali importante concílio ecumênico tratando de certas heresias teológicas. O conclave teve lugar no então grande templo de Santa Maria de Éfeso. A razão pela qual a virgem Maria é chamada de Éfeso, foi porque, segundo uma tradição, ela teria morrido nessa cidade, aos cuidados de João, o Evangelista e Apóstolo.

No livro dos Atos não se dão mais notícias dessa igreja. A tradição diz que anos mais tarde à partida de

S. Paulo, esteve colaborando com ele o apóstolo João. Ali teria pregado e ensinado como testemunha ocular, e teria escrito ali também o seu evangelho e as três cartas que levam o seu nome. Tanto no evangelho como nas epístolas se dá particular ênfase à prática do amor fraternal, e a cautela que se devia dar também a intrusos e pervertedores da pureza do Evangelho. Isso prova que o ataque dos "lobos vorazes" de S. Paulo, persistia no seu intento de usurpar posições e introduzir outras doutrinas.

Conta-se que o apóstolo João permaneceu em Éfeso até o fim da sua vida, tendo nos últimos tempos perdido a vista. Levavam-no, então, os seus discípulos às reuniões da igreja, e ele, quando entrava no recinto, saudava aos irmãos repetindo sempre uma das suas exortações preferidas: "Filhinhos, amai-vos uns aos outros".

Esta é uma exortação sempre oportuna também para os cristãos dos nossos dias, para que o mundo creia verdadeiramente que somos discípulos de Jesus Cristo.

PNL Imprensa matutina
Av. Senador Vergueiro, 1301
Cidade de São Paulo - SP
Fone: 452-1777
São Bernardo do Campo - SP